

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

JACSON JONAS FALLER

**A CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM DE THOMAS REID**

Porto Alegre  
2013

JACSON JONAS FALLER

**A CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM DE THOMAS REID**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção de grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Hofmeister Pich

Porto Alegre  
2013

JACSON JONAS FALLER

**A CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM DE THOMAS REID**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: 15 de Julho de 2013

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Roberto Hofmeister Pich – PUCRS

---

Prof. Dr. Felipe de Matos Müller – PUCRS

---

Prof. Dr. Juliano Santos do Carmo – UFPEL

Dedico este trabalho a Rafael Faller e  
Tatiana Canto de Carvalho.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à equipe administrativa do Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e sua comissão coordenadora.

Words are empty sounds when they do not signify  
the thoughts of the speaker [...].

(REID, 2002, p.359)

## RESUMO

A presente dissertação possui como proposta de trabalho uma leitura transversal de duas grandes obras de Thomas Reid (1710-1796), *Essays on the Intellectual Powers of Man* e *An Inquiry into the Human Mind on the Principles of Common Sense*, com o objetivo geral de tornar aparente a noção reidiana de linguagem que subjaz à sua teoria das operações da mente. Para cumprir com tal objetivo, divide-se este trabalho em quatro momentos principais: em primeiro lugar é exposta a compreensão reidiana de linguagem – como Reid a concebe e a organiza; em seguida, disserta-se sobre a teoria reidiana das operações da mente, bem como sua divisão entre operações sociais e operações solitárias; logo após, aos moldes de Reid, o tema do testemunho é explanado para, enfim, encerrar a exposição com uma possibilidade de resposta à questão que orienta esta pesquisa, a saber, o que esta concepção de linguagem pode representar no que diz respeito à relação entre mundo, mente e linguagem a partir do pensamento de Thomas Reid.

**Palavras-chave:** Thomas Reid. Linguagem. Operações da mente. Testemunho.

## ABSTRACT

The bulk of this thesis is devoted to proposing a crosscut reading of two great works of Thomas Reid (1710-1796), *Essays on the Intellectual Powers of Man* and *An Inquiry into the Human Mind on the Principles of Common Sense*, aiming at positing Reid's notion of language that underlies his theory of operations of the mind. For this, the work is divided into four main points: firstly, Reid's understanding of language is posted, as Reid conceives and organizes it; secondly, the reidian theory of operations of mind is examined as well as its division into social and solitary operation; thirdly, the subject of the testimony is explained so as to, lastly, end it by attempting to answer the question that underlies this research, namely, in what ways Reid's concept of language depicts the relations among world, mind, and language from Reid's own conceptions.

**Key words:** Thomas Reid. Language. Operations of mind. Testimony.



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>A LINGUAGEM PARA THOMAS REID</b> .....	<b>14</b>
2.1	SINAIS NATURAIS E SINAIS ARTIFICIAIS .....	23
<b>3</b>	<b>DAS OPERAÇÕES DA MENTE</b> .....	<b>28</b>
3.1	OPERAÇÕES SOLITÁRIAS E OPERAÇÕES SOCIAIS DA MENTE .....	31
<b>4</b>	<b>O TESTEMUNHO</b> .....	<b>37</b>
4.1	VERACIDADE E CREDULIDADE.....	40
<b>5</b>	<b>O PAPEL DA LINGUAGEM NA RELAÇÃO MUNDO-MENTE</b> .....	<b>45</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>52</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>56</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A linguagem tem sido tema de estudo de filósofos<sup>1</sup>, linguistas, psicólogos, entre outras áreas, que tentam desvendar as inúmeras camadas de complexidade que fundamentam questões como "é possível pensar sem linguagem?" ou "a linguagem dita a maneira como pensamos?". Até o presente momento, uma resposta definitiva não fora possível, se é que poderá ser algum dia; porém, clarear alguns fatores que obscurecem as respostas a essas questões deve ser objeto de maior pesquisa e atenção.

Há um consenso entre os estudiosos de linguagem nas diferentes áreas de conhecimento que linguagem como instrumento é aquilo que utilizamos para nos comunicarmos. Todavia, é-nos conhecida a ideia que a linguagem como expressão do pensamento, uma das mais reconhecidas e antigas concepções de linguagem<sup>2</sup>, possa ser apenas um arremedo daquilo que habita o nosso pensar. Posso "forçar" um pensamento, posso investir em um raciocínio cada vez mais apropriado, apurado, claro; no entanto, aquela expressão *que sai da minha boca*, muitas vezes

---

<sup>1</sup> Em *Filosofia da Linguagem* (1972, p. 19-20), W. P. Alston nos diz que "[o]s pensadores de muitos campos são propensos a se queixarem de deficiências da linguagem, mas os filósofos têm estado mais preocupados, e com razão, com esse gênero de problema do que a maioria. [...] As queixas, em geral, têm sido dirigidas contra algum estado ou condição corrente da linguagem, e a implicação é de que deveriam ser tomadas providências para remediar essa situação. Esses filósofos podem ser, metodicamente, divididos em dois grupos, há os que mantêm que [...] a linguagem da conversação cotidiana, é perfeitamente adequada aos fins filosóficos, e que o mal reside no fato de se desviar da linguagem vulgar sem que se providencie, realmente, um meio qualquer de dar sentido ao desvio. Encontramos exemplos desse tipo de queixas ao longo da história da Filosofia, como foi o caso dos protestos de Locke contra o jargão escolástico; entretanto, foi em nossa própria época que tais reclamações se converteram na base de um movimento filosófico - o da "filosofia da linguagem comum" [...]. Em segundo lugar, há os que, ao contrário, sustentam que o problema decorre do fato de ser a própria linguagem vulgar inadequada para fins filosóficos, em vista de sua indefinição, ambiguidade, caráter vago e implícito, dependência do contexto e de sua natureza propícia a interpretações ilusórias ou equívocas. Esses filósofos, como Leibniz, Russell e Carnap, consideram ser sua tarefa a construção de uma linguagem artificial ou, pelo menos, a delimitação de uma linguagem tal em que esses efeitos sejam remediados. (ALSTON, W. *Filosofia da Linguagem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972. 160 p.).

<sup>2</sup> Conforme mencionado por A. Perfeito, "a concepção de linguagem como expressão de pensamento é um princípio sustentado pela tradição gramatical grega, passando pelos latinos, pela Idade Média e pela Moderna, teoricamente só rompida no início do século XX, de forma efetiva, por Saussure (1969). Preconiza que a expressão é produzida no interior da mente dos indivíduos. E da capacidade de o homem organizar a lógica do pensamento dependerá a exteriorização do mesmo (do pensamento), por meio de linguagem articulada e organizada. Assim, a linguagem é considerada a 'tradução' do pensamento". (PERFEITO, A. M. *Concepções de linguagem e análise linguística: diagnóstico para propostas de intervenção*. In: ABRAHÃO, M. H. V.; GIL, G.; RAUBER, A. S. [Org.]. CONGRESSO LATINO-AMERICANO SOBRE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUAS 1., 2006, Florianópolis. Anais... Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2007, p. 825-826).

será falha, imprecisa. Em muito esta expressão se afastará daquilo que, originalmente, pensei. Pelo próprio senso comum nota-se que, por vezes, o pensamento "surge" já em forma de expressões, noutras, percebe-se que ocorre algo de nebuloso, primitivo, anterior; e, tão somente depois disto reformulamo-los em expressões (ainda mentais – como em uma forçosa "tradução intramental"). Quando este, por assim dizer, pensamento-expressão se atualiza e o comunicamos, já estamos em outro nível de linguagem, a saber, o da linguagem como expressão do pensamento. E é exatamente neste ponto, que a linguagem, tomada como instrumento, pode manifestar sua precariedade, as palavras podem revelar sua vagueza<sup>3</sup>. No entanto, é-nos vedada a negação que haja uma comunicação entre mentes. Falantes de língua entendem-se, compartilham informações, testemunham, manifestam seus desejos; em resumo, comunicam seu conteúdo mental ao outro.

Thomas Reid foi um dos filósofos que olhou com melhor atenção para o problema da vagueza das palavras quando utilizadas para expressar nosso pensamento ao outro<sup>4</sup>, porém, discorrer sobre o pensamento reidiano pode não ser uma tarefa fácil. Segundo Lehrer<sup>5</sup>, um dos mais conhecidos comentadores de Reid, qualquer breve formulação sobre sua filosofia para iniciantes pode ser proveitosa<sup>6</sup>.

---

<sup>3</sup> Uma situação típica a ser citada como exemplo poderia ser a da expressão de nossas *respostas* emocionais aos objetos e eventos. Nós podemos usar a língua para explicar nossa reação aos outros, mas a reação em si "vai além das palavras", como sentença D. Crystal em *The Cambridge Encyclopedia of Language* (2010. p.14).

<sup>4</sup> É importante notar que, como veremos ao longo deste trabalho, se Reid parece sugerir que há precedência do pensamento ante a linguagem, nos anos 70, conforme a *Enciclopédia de Termos Lógico-Filosóficos*, Jerry Fodor inaugura a tese da existência de uma "linguagem do pensamento" (*The Language of Thought*, 1975): "A ideia surge como uma consequência natural da adoção da perspectiva computacional da mente. Com efeito, se os chamados processos cognitivos são, na realidade, processos computacionais, e se um processo computacional consiste numa manipulação ordenada de símbolos, então os processos cognitivos presentes em organismos cognoscentes consistem em manipulações ordenadas de símbolos [...]. De modo análogo, de acordo com Fodor, qualquer organismo cognoscente teria de ser dotado do equivalente à linguagem-máquina de um computador para poder representar e processar qualquer informação. Esse *analogon* biológico da linguagem-máquina de um computador seria a linguagem do pensamento. Tal linguagem teria de ser inata, uma vez que a aprendizagem de qualquer nova linguagem, enquanto processo cognitivo teria sempre que pressupor a existência prévia de manipulações ordenadas de símbolos; mas a existência de manipulações ordenadas de símbolos num organismo pressupõe que o organismo esteja dotado de um sistema de símbolos e de regras que regulem as manipulações dos mesmos, isto é, que o organismo disponha já de uma linguagem [...], uma linguagem do pensamento. No caso dos seres humanos, as diferentes línguas naturais seriam as linguagens de *input/output*, enquanto a linguagem do pensamento, dado o seu caráter inato, seria universal". (BRANQUINHO, J.; MURCHO, D.; et al. *Enciclopédia de Termos Lógico-Filosóficos*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, 803 p.)

<sup>5</sup> LEHRER, K. *Thomas Reid: The arguments of the Philosophers*. London and New York: Rutledge, 2002. 311 p.

<sup>6</sup> *Ibid.*, p. 7.

N. Wolterstorff<sup>7</sup> nos fala que o pensamento de Reid não é fácil adentrar, embora tenha sido Reid, de acordo com Wolterstorff, o filósofo de maior estilo de escrita em língua inglesa<sup>8</sup>. No entanto, tratando-se da concepção de linguagem, Reid parece abordar o tema da ambiguidade e da vagueza das palavras de modo a afastar os erros que a linguagem carrega consigo, apurando-a no sentido de torná-la mais adequada à representação dos fenômenos mentais e, desta forma, tornar possível o avanço sobre o estudo acerca da mente. Para isto, Reid propõe que façamos uma análise das, por assim dizer, *origens da linguagem*. Sua busca é por um *aperfeiçoamento*, uma *melhoria* da linguagem no que diz respeito à representação de nossos conteúdos mentais; ou, já na terminologia reidiana, de nossas *operações da mente*.

Contemporâneo de Immanuel Kant e considerado o fundador da escola escocesa de filosofia do *Common Sense* Thomas Reid (1710-1796) abordou problemas caros à filosofia de sua época, como, por exemplo, a concepção de senso comum relacionado ao conhecimento do mundo exterior e as questões que concernem às tendências céticas de seus antecessores. Para tal, teve como interlocutores outros grandes nomes da filosofia moderna, principalmente David Hume (1771-1776) e George Berkeley (1685-1753), bem como as obras de John Locke (1632 -1704).

Contudo, fora com Berkeley que Reid teve, segundo Lehrer<sup>9</sup>, inspiração para dissertar sobre a teoria dos signos, a compreensão de linguagem natural e a visão de linguagem como meio de tornar pública a compreensão do mundo perceptível. Entre as semelhanças, as opiniões dos dois sobre a natureza da percepção de objetos externos e a refutação do ceticismo, principalmente, em se tratando de Reid, o ceticismo atribuído ao sistema filosófico de Hume. No entanto, Reid e Berkeley divergiram acerca da concepção de *ideia*, objeto de discórdia e de muita discussão entre os filósofos modernos; a rejeição de Reid ao que ele chamou de "caminho das ideias" (*the way of ideas*) é uma das mais conhecidas no âmbito da comunidade de

---

<sup>7</sup> WOLTERSTORFF, N. *Thomas Reid and the story of epistemology*. Cambridge (UK): Cambridge Univ., 2001. 265 p.

<sup>8</sup> *Ibid.*, p. 1.

<sup>9</sup> LEHRER, 2002, p. 7.

pesquisa em filosofia. E, é a partir desta crítica que Reid passa a conceber seu próprio sistema, conhecido como a *escola escocesa do senso comum*<sup>10</sup>.

Hoje, Reid é um autor reconhecido por ter sido o precursor de problemas que estão no topo da agenda filosófica contemporânea, como as questões que se referem à epistemologia do testemunho, o papel do testemunho na justificação da crença, entre outras. Quanto à filosofia da linguagem, tomou a atenção de autores como J. Austin e seus contemporâneos em Oxford. Pode-se creditar também a Reid estudos de Quine e Wittgenstein no que se refere aos aspectos sociais da linguagem<sup>11</sup>, entre outras tantas referências possíveis à sua obra. Exemplos disso, nos fala R. Pich<sup>12</sup> "são a epistemologia de práticas doxásticas de William P. Alston<sup>13</sup> e a epistemologia por função própria (*proper function*)<sup>14</sup> de Alvin Carl Plantinga<sup>15</sup>.

A presente dissertação possui como proposta de trabalho uma leitura transversal de duas grandes obras de Thomas Reid (1710-1796), *Essays on the Intellectual Powers of Man*<sup>16</sup> e *An Inquiry into the Human Mind on the Principles of Common Sense*<sup>17</sup>, com o objetivo geral de tornar aparente a noção reidiana de linguagem que subjaz à sua teoria das operações da mente. Para cumprir com tal objetivo, divide-se este trabalho em quatro momentos principais: em primeiro lugar é exposta a compreensão reidiana de linguagem – como Reid a concebe e a organiza;

<sup>10</sup> A respeito da ideia de senso comum em Thomas Reid e a sua influência na filosofia anglo-saxônica: PICH, R. *A Filosofia do Senso Comum de Thomas Reid e o "Critical Common-sensism" de C. S. Peirce*. **Cognitio**, São Paulo, v.13, n.2, jul./dez., 2012, p. 279-299.

<sup>11</sup> LECLERC, A. *Operações sociais da mente*. **Veritas**, v. 55, n. 2, 2010, p. 109.

<sup>12</sup> PICH, R. *Apresentação e uma nota sobre Thomas Reid (1710-1796)* **Veritas**, v. 55, n. 2, maio/ago. 2010a, p. 5-17.

<sup>13</sup> Alston define *práticas doxásticas* como "o exercício de um sistema ou de uma constelação de mecanismos ou hábitos de formação de crenças, cada um realizando uma função que produz crenças com certo tipo de conteúdo, a partir de *input* de determinado tipo". (ALSTON, W. *Perceiving God – The Epistemology of Religious Experience*. Ithaca-London: Cornell University Press, 1991, p. 155).

<sup>14</sup> Plantinga utiliza a noção de função própria (*proper function*) para explicar a noção de "aval epistêmico" (*Warrant*) e admite que pode ser usada em amplo sentido, tanto no âmbito do senso comum quanto no âmbito da ciência. Em sua origem, a noção de função própria denotava que "[...] nós podemos dizer que uma crença *B* tem garantia para *S* se e somente se as partes relevantes (as partes envolvidas na produção de *B*) estão funcionando apropriadamente no ambiente cognitivo suficientemente similar para as quais as faculdades de *S* foram projetadas; e os módulos do projeto governando a produção de *B* são tais que (1) visam à verdade, e (2) tal que existe uma alta probabilidade objetiva que uma crença formada de acordo com tais módulos (nesta espécie de ambiente cognitivo) seja verdadeira; e quanto mais firmemente *S* acredita em *B*, então mais garantido *B* será para *S*." (PLANTINGA, A. *Warrant and Proper Function*. New York: Oxford University Press, 1993. 256 p.).

<sup>15</sup> PICH, 2010a, p. 14.

<sup>16</sup> A partir deste ponto apenas *Essays*.

<sup>17</sup> A partir deste ponto apenas *Inquiry*.

em seguida, disserta-se sobre a teoria reidiana das operações da mente, bem como sua divisão entre operações sociais e operações solitárias; logo após, aos moldes de Reid, o tema do testemunho é explanado para, enfim, encerrar a exposição com uma possibilidade de resposta à questão que orienta esta pesquisa, a saber, o que esta concepção de linguagem pode representar no que diz respeito à relação entre mundo, mente e linguagem a partir do pensamento de Thomas Reid.

## 2 A LINGUAGEM PARA THOMAS REID

Os modos linguísticos de expressar o pensamento humano podem ser quase que infinitos: há os poetas, os lógicos, as pessoas no seu dia-a-dia, os advogados nos tribunais, e tudo mais que se possa imaginar como sendo plausível em seres humanos sensatos e ativos intelectualmente. No entanto, o arcabouço de linguagem usado por cada um destes indivíduos é o mesmo. Segundo A. Bizzocchi<sup>18</sup>, a ideia de que pensamos independentemente da língua que falamos inquieta muitos pensadores e cientistas. Quase tudo que pode ser dito em uma língua pode também ser dito nas demais. Embora as palavras nem sempre encontrem equivalência exata entre os idiomas existentes, o sentido do que é dito permanece o mesmo. Conforme explana Bizzocchi<sup>19</sup>:

No século 17, John Locke afirmou que tudo o que podemos conceber seria uma combinação de noções de base, ou qualidades [...]. Para Locke, haveria ideias primeiras (aquelas que não podem ser reduzidas a outras ainda mais simples) e conexões entre elas. Afirmando que só é possível pensar por meio de algum tipo de linguagem, não importando a sua natureza, e inspirados na doutrina atomista dos gregos Leucipo e Demócrito, Bertrand Russell e Ludwig Wittgenstein propuseram que qualquer conceito linguístico pode ser decomposto em conceitos cada vez mais simples, até o ponto em que não possam mais ser decompostos. Decorre dessa teoria (embora os próprios autores não tenham dito isso) que o pensamento seria uma combinação sintática de conceitos que, por sua vez, seriam 'pacotes' estruturados de atributos mínimos. Se o pensamento é a representação mental da realidade exterior, então a mente seria povoada por 'objetos' (conceitos) compostos de partículas mínimas hierarquicamente organizadas, os quais interagem por meio de relações lógicas e abstratas. Isso explicaria por que substância, qualidade e ação são categorias universais e por que classes como substantivo, adjetivo e verbo existem em todas as línguas.

A intenção de Reid é que investiguemos mais atentamente as *origens* da linguagem. Segundo R. Pich<sup>20</sup>, para Reid, "a atenção à estrutura da linguagem se justifica para o propósito de pesquisa porque a linguagem é *expressiva* dos pensamentos e das operações da mente"<sup>21</sup>. Escreve Pich<sup>22</sup>:

<sup>18</sup> BIZZOCCHI, A. A "*Língua*" do Pensamento. **Revista da Língua Portuguesa**, ano 7, n.º 75, janeiro de 2012.

<sup>19</sup> Id., [2012]

<sup>20</sup> PICH, R. *Thomas Reid, O Método De Filosofar e a Rejeição do Ceticismo*. Pelotas: **DISSERTATIO Revista de Filosofia** #32, verão/ 2010b, p. 243 – 275.

<sup>21</sup> Ibid., p. 256.

[D]ado que há precedência dos estados mentais com respeito aos fenômenos de fala, pode-se afirmar que, se operações mentais afins não fossem comuns à humanidade, não seria possível encontrar nas linguagens existentes “formas de discurso pelas quais elas são expressas” – formas de discurso, leia-se, semelhantes.

Não se propõe uma correspondência perfeita entre mente e linguagem; por certo, o que pode haver na e ser distinguido através da mente humana é mais extenso do que aquilo que pode ser expresso e distinguido na linguagem “comum”. Além disso, é claro que as linguagens têm peculiaridades, que não se verificam ou se repetem de forma genérica. Nesse sentido, a expectativa módica que se tem como respeito às linguagens em termos de estrutura é que elas revelem suficientemente as “distinções que toda a humanidade, nos negócios comuns da vida, tem ocasião de fazer”. Ou seja, o que é encontrado em comum nas linguagens, dada a dependência do linguístico para com o mental, “deve ter uma causa comum”, e esse “comum” deve ser “devedor de uma noção ou percepção comum da mente humana”.

Ocorre que, para Reid, há entre os ensinamentos do senso comum e a estrutura da linguagem comum um elo demasiadamente estreito para que não o levemos em consideração. Ele toma a *linguagem comum* como sendo o “espelho” dos nossos pensamentos cotidianos, embora não acredite que todos os recursos da *linguagem comum* sejam indicativos de algum princípio importante do *senso comum*<sup>23</sup>. O que se tem como correto é que Reid parte do pressuposto de que há certas estruturas comuns a todas as linguagens que derivam da *constituição natural da mente humana*<sup>24</sup>. Reid<sup>25</sup>, corroborando a favor da ideia de que comunicação do pensamento é a principal função da linguagem e de que a linguagem é, antes, pensamento, de forma sucinta, porém incisiva<sup>26</sup>, define *linguagem* como sendo todos os sinais que o homem usa para comunicar seus pensamentos e intenções aos outros<sup>27</sup>; e demarca a linguagem em duas grandes classes de sinais, os *sinais artificiais* e os *sinais naturais*. De forma mais detalhada, lemos em Reid<sup>28</sup>:

---

<sup>22</sup> PICH, 2010b, p. 256.

<sup>23</sup> YAFFE, G; NICHOLS, R. *Thomas Reid*. The Stanford Encyclopedia of Philosophy [2009], Edward N. Zalta (ed.), Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/win2009/entries/reid/>>.

<sup>24</sup> REID, 2002, p. 56-57.

<sup>25</sup> Id., 2000, p. 51.

<sup>26</sup> As traduções (a partir de Thomas Reid) constituintes deste estudo, em que na bibliografia constam em língua inglesa, são traduções livres realizadas pelo autor desta dissertação; e, estarão sempre acompanhadas do texto original em notas de rodapé.

<sup>27</sup> By language I understand all those signs which mankind uses in order to communicate to others their thoughts and intentions, their purposes and desires. (REID, 2000, p. 51).

<sup>28</sup> And such signs may be conceived to be of two kinds: First; such as have no meaning, but what is affixed to them by compact or agreement among those who use them; these are artificial signs: Secondly; such as, previous to all compact or agreement, have a meaning which every man



Esses sinais podem ser concebidos em dois tipos: primeiro, os que somente possuem significado pelo o que é fixado a eles por pacto ou acordo entre aqueles que os utilizam; estes são sinais artificiais: Segundo, os que têm um significado que cada um entende graças aos princípios da natureza, anterior a qualquer pacto ou acordo. A linguagem, na medida em que consiste de sinais artificiais, pode ser chamada de *artificial*; na medida em que consiste de sinais naturais, eu chamo de *natural*.

Desta forma, os sinais artificiais são caracterizados por resultarem de um acordo por parte de quem os utiliza, e o significado destes sinais artificiais é aquele que fora estabelecido por esse acordo. Já os sinais naturais são aqueles que todas as pessoas previamente conhecem o seu significado, não por um acordo, mas pelos *princípios da sua natureza*.

Precavendo-nos de alguma possível confusão, é necessário que atentemos a dois fatos: o primeiro é que por *linguagem natural*, ao contrário dos linguistas<sup>29</sup>, Reid toma como sendo uma a linguagem inata a todos os seres humanos, linguagem esta perfeitamente capacitada para a construção de uma *linguagem artificial*. Leia-se, para a constituição de um sistema de signos artificiais que estabelecem a linguagem falada por intermédio deste sistema, ou seja, para a "invenção" humana de (agora sim na terminologia dos linguistas e teóricos da linguagem em geral) línguas naturais; assim como, por exemplo, a língua portuguesa, inglesa ou alemã.

O segundo fato é que em língua inglesa a palavra *language* abarca os campos semânticos tanto de *língua* (um conjunto organizado de signos linguísticos, signos estes escolhidos arbitrariamente) quanto de *linguagem*<sup>30</sup>, o que traz certa dificuldade a este estudo; pois Reid por vezes refere-se às *unidades das línguas*, por outras à *linguagem* ou à *língua como linguagem* (meio de comunicação e

---

understands by principles of his nature. Language, so far as it consists of artificial signs, may be called *artificial*; so far as it consists of natural signs, I call it *natural*. (REID, 2000, p. 51).

<sup>29</sup> É notório por estudiosos das linguagens e das línguas em geral que o termo *linguagem natural* diz respeito a comunidades linguísticas de uma *língua natural*, ou seja, a língua que é falada em um determinado país ou por um grupo social específico, como a língua espanhola, por exemplo; ou o catalão, falado no Estado da Catalunha. Já uma linguagem artificial, contemporaneamente é dita como, por exemplo, a computacional automática, embora seja aceito também como sendo aquela linguagem em que a gramática e o vocabulário derivam de uma ou mais línguas naturais. De acordo com a *Enciclopédia de Termos Lógico-Filosóficos*, "as línguas naturais são o objeto de estudo da linguística, cujo objetivo pode, em parte significativa, ser visto como a elaboração de uma linguagem artificial que permita expressar e compreender o conhecimento implícito envolvido na utilização das primeiras" (BRANQUINHO; MURCHO; et. al., 2006, p. 429).

<sup>30</sup> Pode-se, tomar aqui, *linguagem*, como o uso de *signos intersubjetivos* (naturais ou artificiais), signos estes que tornam possível a comunicação.

significação). *Linguagem* é o termo genérico que pode designar a expressão do pensamento, e *língua* é a especificidade de uma linguagem de um grupo determinado de pessoas. A "fala", a linguagem falada, é o acontecimento concreto destas expressões.

No seu *Inquiry*, Reid assinala que<sup>31</sup>:

A linguagem é comumente considerada como puramente uma invenção dos homens, que por natureza não são menos mudos do que os brutos, mas por ter um grau superior de invenção e de razão, têm sido capazes de criar sinais artificiais de seus pensamentos e proposições, e estabelecê-los de comum acordo. Mas a origem da linguagem merece ser mais cuidadosamente investigada, não só por esta investigação poder ser de grande importância para a melhoria da linguagem, mas por estar relacionada ao presente tema, e tender a expor alguns dos primeiros princípios da natureza humana.

Reid abre um precedente para que pensemos que a linguagem não é *pura invenção do homem*, ao menos não esta linguagem composta por sinais artificiais que o homem usa para a comunicação, chamada por Reid de *linguagem artificial*. Tal linguagem acordada entre os homens apenas fora possível devido a algo anterior; fora concebida devido à *linguagem natural* que é comum a todos os seres humanos.

O objetivo de Reid é demonstrar que antes de qualquer linguagem artificial, é necessário que tenha existido uma linguagem natural, pois só esta pode fornecer os sinais necessários a uma linguagem artificial. A favor disto, Reid argumenta que há algumas noções que são partilhadas por todos os povos<sup>32</sup>:

[D]ois selvagens que não têm linguagem artificial em comum, podem conversar entre eles, podem comunicar seus pensamentos de alguma maneira tolerável; podem fazer contratos, estabelecer acordos e suplicar sua fé.

---

<sup>31</sup> Language is commonly considered as purely an invention of men, who by nature are no less mute than the brutes, but having a superior degree of invention and reason, have been able to contrive artificial signs of their thoughts and proposes, and to establish them by common consent. But the origin of language deserves to be more carefully inquired into, not only as inquiry may be to of importance for the improvement of language, but as it is related to the present subject, and tends to lay open some of the first principles of human nature. (REID, 2000, p. 50-51).

<sup>32</sup> [T]wo savages who have no common artificial language, can converse together; can communicate their thoughts in some tolerable manner; can traffic, enter into covenants, and plight their faith. (Ibid., p. 52).

É-nos fácil notar que, para Reid, a força da linguagem não reside nos sinais artificiais, mas, antes, nos sinais naturais. Como vimos, segundo Reid, dois selvagens sem *linguagem artificial* podem conversar, isto é, podem comunicar seus pensamentos um ao outro. Deste modo, são os sinais naturais que possibilitam, originalmente, a comunicação de nossos pensamentos. Segundo Reid, à medida que o homem vai utilizando mais e mais a linguagem artificial, vai, ao mesmo tempo, deteriorando a linguagem natural, passa a gradativamente substituir a linguagem natural por uma artificial, quando o melhor seria, no entanto, procurar corrigir e aperfeiçoar, antes, a linguagem natural; ou, melhor dito, voltar sua *atenção* à verdadeira origem da *linguagem falada*.

Porém, alerta-nos Reid quanto à possibilidade de tal aperfeiçoamento<sup>33</sup>:

[T]odas as linguagens possuem imperfeições, elas nunca serão adequadas a todas as variedades do pensamento humano, por isso, pode acontecer que duas coisas sejam realmente distintas em sua natureza, podendo ser assim distinguidas pela mente humana, embora não possam ser distinguidas na linguagem comum. O máximo que podemos esperar encontrar na estrutura das línguas são as distinções que toda a humanidade tem necessidade de constatar nos assuntos comuns da vida.

A mente humana é um tópico complexo, mas podemos, sem entrar em grandes detalhes e complexidades, atentarmos aos nossos próprios pensamentos<sup>34</sup>, pensamentos estes que se dão instantaneamente no cotidiano, nos nossos afazeres do dia-a-dia. Independentemente se acerca de teorias epistemológicas ou relacionados à, por exemplo, algum compromisso doméstico, é praticamente impossível que possamos saber com certeza o modo como ocorrerá, devido às infinitas variedades de pensamentos. Disto, é-nos possível concluir que, assim como

<sup>33</sup> [A]ll languages have imperfections; they can never be adequate to all the varieties of human thought; so it can happen that two things are really distinct in their nature, and can be so distinguished by the human mind, though they aren't distinguished in common language. The most we can expect to find in the structure of languages are the distinctions that all mankind find a need for in the common business of life. (REID, 2002, p. 56).

<sup>34</sup> Como veremos adiante, é exatamente neste sentido que se encaminhará uma das argumentações de Reid acerca de como podemos conhecer a nossa própria mente. Pois, *grosso modo*, se serve para o indivíduo servirá também a toda a humanidade, dada nossa *constituição natural*. Isto é, como não temos acesso diretamente à mente dos outros, será apenas de acordo com o funcionamento de nossa própria mente que poderemos chegar a saber sobre a nossa própria mente. A contra-argumentação de que, por exemplo, não sabemos se o indivíduo *b* pensa como *eu penso* não afetará a argumentação reidiana; ao contrário, ainda reforçará a tese de que, antes que o outro vista seus pensamentos da linguagem artificial já analisada e *melhorada* é apenas o meu próprio modo de pensar e a atenção dispensada ao funcionamento da minha mente, como também "indivíduo humano", que permitirá, entre outras reflexões, que eu saiba sobre este assunto.

a construção de uma língua perfeita é impossível, não é possível conceber uma linguagem que represente com precisão a vida mental consciente.

No entanto, a linguagem continua a ter um papel fundamental na busca da clarificação dos conteúdos mentais, visto que sua estrutura, de acordo com Reid, possui em sua forma algo de semelhante a das *sensações*; pois, para Reid as nossas *sensações* são sinais naturais. Reid, de acordo com R. Nichols<sup>35</sup>, coloca sua argumentação acerca das *sensações* a serviço de sua teoria dos sinais naturais. Em certas circunstâncias, continua Nichols, uma careta ou até mesmo a impressão que um objeto nos causa na retina, pode ser um sinal natural que venha a formar um conceito perceptual (*perceptual concept*). Ver uma careta pode nos fazer crer que o sujeito está sentindo uma dor física, a impressão na retina pode significar ser um sinal natural que nos sugira formar um conceito perceptual; uma impressão na retina pode significar a figura visível de um objeto de percepção. Portanto, conclui Nichols, há diferentes categorias de sinais naturais e, em cada categoria, há um tipo diferente de *input* que irá nos submeter a um tipo diferente de *output*, muito embora todos os *outputs* sejam cognoscíveis<sup>36</sup>.

Para Reid, a observação da mente a partir da linguagem e do comportamento dos homens culminaria, em última análise, no próprio ato de filosofar, principalmente visto seu alerta sobre os equívocos dos filósofos no emprego de certos termos e conceitos<sup>37</sup>. As línguas foram *feitas* para servir aos propósitos da *conversação ordinária*, e não temos nenhuma razão para esperar que ela deva fazer distinções que não sejam de *senso comum*<sup>38</sup>. O que Reid parece propor é *apenas* uma pequena "atenção" à língua no que se refere ao vocabulário mental. Uma rápida correção de nossa linguagem, por exemplo, já poderia ajudar a distinguir melhor as *sensações* dos objetos mesmos. Com mínimas alterações nas formas de nossas

---

<sup>35</sup> NICHOLS, R. *Thomas Reid's Theory of Perception*. New York: Oxford University Press, 2007, 317 p.

<sup>36</sup> *Ibid.*, p. 86.

<sup>37</sup> Como este não é o tema proposto pela presente dissertação, para uma referência mais detalhada é necessário que se leia em sua totalidade a argumentação de Thomas Reid nos *Essays on the Intellectual Powers of Man*, a partir do *Essay I, Preliminary, Chapter I, Explications of Words*, 2002, p. 16-39.

<sup>38</sup> REID, 2002, p. 194.

expressões linguísticas logo observaríamos significativas melhoras na comunicação de nossos pensamentos. Conforme Reid<sup>39</sup>:

As operações da mente, a partir de sua própria natureza, levam a mente a dar atenção a outro objeto. Nossas sensações [...] são sinais naturais, e voltam nossa atenção às coisas significadas por eles; tanto que a maioria deles, e entre os mais frequentes e familiares, não têm nenhum nome em qualquer língua. Na percepção, memória, juízo, e raciocínio há um objeto distinto da operação em si; e, ao mesmo tempo em que somos levados por um forte impulso a atender ao objeto a operação escapa à nossa atenção. Nossas paixões, afeições e todos os nossos poderes ativos têm, de igual modo, os seus objetos que prendem nossa atenção e desviam-na da paixão em si.

Um exemplo muito conhecido é a proposta feita por Reid acerca da descrição da experiência subjetiva da dor. A expressão "estar dolorido" é uma expressão que tem a função de mostrar como a língua artificial poderia ser alterada para representar com maior eficiência os eventos mentais. Como utilizamos as mesmas expressões para classificar *sensações* e *percepções*, acabamos por confundi-las como sendo de mesma natureza. Seu argumento é que a expressão "sinto uma dor" pode parecer implicar que a sensação é algo distinto da dor sentida, contudo, na realidade, não há distinção. Reid propõe uma expressão mais fiel ao evento mental da dor: "estar dolorido". Justifica esta alteração afirmando que tal como "pensar um pensamento" é uma expressão que não poderia significar mais do que "pensar", "sentir uma dor" não significa mais do que "estar dolorido"<sup>40</sup>:

A forma da expressão, *eu sinto dor*, pode parecer implicar que o sentimento é algo distinto da dor sentida; ainda que, na realidade, não haja distinção.

<sup>39</sup> The operations of the mind, from their very nature, lead the mind to give its attention to some other object. Our sensations [...] are natural signs, and turn our attention to the things signified by them; so much, that most of them, and those the most frequent and familiar, have no name in any language. In perception, memory, judgment, and reasoning, there is an object distinct from the operation itself; and, while we are led by a strong impulse to attend to the object, the operation escapes our notice. Our passions, affections, and all our active powers, have, in like manner, their objects which engross our attention, and divert it from the passion itself. (REID, 2002, p. 60-61).

<sup>40</sup> The form of the expression, *I feel pain*, might seem to imply, that the feeling is something distinct from the pain felt; yet, in reality, there is no distinction. As *thinking a thought* is an expression which could signify no more than *thinking*, so *feeling a pain* signifies no more than *being pained*. What we have said of pain is applicable to every other mere sensation. It is difficult to give instances, very few of our sensations having names; and where they have, the name being common to the sensation, and to something else which is associated with it. But when we attend to the sensation by itself, and separate it from other things which are conjoined with it in the imagination, it appears to be something which can have no existence but in a sentient mind, no distinction from the act of the mind by which it is felt. (Id., 2000, p.168).

Como *pensar um pensamento* é uma expressão que não pode significar nada mais do que *pensar*, então, *sentir uma dor* não significa nada mais que *estar dolorido*. O que dissemos sobre dor é aplicável a todas as outras meras sensações. É difícil dar exemplos, já que muito poucas das nossas sensações têm nomes; e, quando têm, o nome é o mesmo para a sensação, e para a outra coisa associada a ela. Mas quando atendemos a sensação em si própria, e a separamos de outras coisas que se juntam a ela na imaginação, parece ser algo que não pode ter existência, a não ser em uma mente consciente e sensível, sem distinção do ato da mente pela qual é sentida.

O que Reid afirma com esta argumentação é que não se tem uma dor como se *possui* um objeto exterior; então, é necessário reformular a nossa expressão linguística para podermos expressar de forma mais fiel nossas *operações mentais*. Portanto, quando sentimos uma dor, a melhor forma de expressá-la não é afirmar que *se tem uma dor*, e sim, que *se está dolorido*. Tão somente desta forma se pode eliminar a distinção que parece existir, pois quando estamos doloridos não podemos dizer que a dor que sentimos é diferente da sensação que temos dela, porque são uma e a mesma coisa.

Assim como Berkeley, Reid ilustra sua teoria das sensações como sinais, usando uma analogia entre palavras e sensações. É importante notar, entretanto, segundo R. Copenhaver<sup>41</sup>, que Reid considera palavras e sensações como significando o que significam diretamente. Reid nota que quando lemos uma palavra não atentamos à palavra, mas ao seu sentido. Analogamente, quando percebemos, não atentamos à sensação, mas ao objeto apresentado na percepção. Pois, para Reid, as sensações do olfato, paladar, som e cor são infinitamente de maior importância como sinais ou indicações do que são em sua própria consideração; assim como as palavras de uma língua, nas quais não atentamos ao som, mas ao sentido. No ato da sensação a mente está voltada para o objeto, e não à sensação. De acordo com Reid, sensações significam objetos independentemente de nossa atenção ou consciência deles. Os sentimentos de toque, que sugerem qualidades primárias<sup>42</sup>, não têm nomes, tampouco são sempre pensados. Eles atravessam a mente instantaneamente e servem apenas para introduzir a noção e a crença das coisas externas, que pela nossa constituição, são conectados com eles. Eles são sinais naturais, e a mente passa imediatamente para a coisa significada sem fazer

<sup>41</sup> COPENHAVER, R. *Thomas Reid's Direct Realism*, **Reid Studies**, vol. 4, n. 1, 2000, p. 17-34.

<sup>42</sup> Exemplos de qualidades primárias de um objeto externo, de acordo com Reid, são *extensão, divisibilidade, figura, movimento, solidez, dureza, maciez e fluidez*. (REID, 2002, p. 97).

reflexão alguma sobre o sinal ou a observação de que há alguma coisa<sup>43</sup>. Já para Berkeley, as aparências sensíveis constituem, nas palavras de E. Skrock<sup>44</sup>, uma linguagem divina. E "por ser uma linguagem, torna-se obsoleto o problema da justificação de uma relação necessária entre as ideias e as coisas"<sup>45</sup>. Skrock explica que, por ser divina, é que fica garantida a regularidade das relações significantes, "sem a qual a realidade seria tanto inabitável quanto ininteligível"<sup>46</sup>. Em se tratando da linguagem humana, escreve Skrock<sup>47</sup> sobre Berkeley:

A palavra "mesa", enquanto significante, é uma marca sensível, possui uma realidade própria, revelada por qualidades particulares (determinada cor, tamanho etc.) e portanto poderia receber um nome próprio. Mas não damos a ela um nome específico porque o que nos interessa é sobretudo o que é significado (a mesa "real" com a qual interagimos). Do mesmo modo, uma ideia visual tampouco recebe um nome distinto da ideia tátil que ela substitui e antecipa. Desde que começamos a exercer a faculdade perceptiva na primeira infância, a conexão entre imagem visual e imagem tátil é tão constante e regular que sua identidade, de tão óbvia, jamais é questionada. E porque os mesmos signos visuais representam as mesmas ideias táteis para todos os homens e em todos os lugares, seu caráter convencional deixa de ser reconhecido como tal. Desde que começamos a dominar a linguagem, a palavra "mesa" significa tanto a mesa visual quanto a mesa tátil. Muito dificilmente podemos deixar de assim considerá-la, da mesma forma como é praticamente impossível ver ou ouvir o nome de uma pessoa sem que sua fisionomia nos venha imediatamente à memória. Esta relação analógica entre ideias de diversos sentidos, reforçada pelas palavras que as nomeiam, adquire uma aparência de literalidade que, útil e necessária na vida prática, é geradora de falsos problemas quando se torna objeto de uma filosofia obcecada por fundamentos metafísicos.

Thomas Reid concentra-se efetivamente na linguagem falada, já que é frequentemente por intermédio desta que seres humanos sensatos expressam seus pensamentos e, neste contexto, comunicam ao outro seu conteúdo mental. A linguagem artificial (quando já investigada sua origem) é aquela que veste nossos pensamentos, de modo adequado, para tornar possível que expressemos nossos pensamentos às outras mentes.

---

<sup>43</sup> COPENHAVER, 2000, p. 23.

<sup>44</sup> SKROCK, E. *George Berkeley e a Terra Incognita da Filosofia: Percepção, Linguagem, Ilusão*. In: MARÇAL, J. (Org.). **Antologia de Textos Filosóficos**. Curitiba: SEED – Pr., 2009. 736 p.

<sup>45</sup> SKROCK, 2009, p. 104.

<sup>46</sup> Ibid., p. 104.

<sup>47</sup> Op. Cit., p. 106.

## 2.1 SINAIS NATURAIS E SINAIS ARTIFICIAIS

Na filosofia de Reid é a linguagem natural que fornece os sinais necessários a uma linguagem artificial. De acordo com esta prioridade da linguagem natural para com a artificial, uma linguagem artificial pressupõe o entendimento de linguagem natural. Deste modo, a aquisição de um sinal artificial já implica um acordo entre as pessoas. Os sinais naturais são anteriormente necessários para o nosso conhecimento dos pensamentos dos outros e pressupostos para a aprendizagem de uma língua artificial. A fim de formar os acordos necessários para uma linguagem artificial é preciso haver concordância entre as partes, e, de antemão, saber o que pensam e pretendem. Ou seja, antes de qualquer coisa, para tornar possível que estipulemos que a palavra *x* signifique *y*, é necessário que saibamos, antes, por intermédio da compreensão de linguagem natural, o que passa na mente do outro.

Contudo, de todos os elementos da linguagem natural do homem, Reid se concentra apenas em três tipos: modulações da voz, gestos e expressões<sup>48</sup>. São estes os elementos que se conservam e que permitem a comunicação entre povos diferentes. Segundo Reid, quando a *fala é natural*, quando envolve não apenas o uso da voz e dos pulmões, mas também de todos os músculos do corpo, nosso discurso é, conseqüentemente, mais expressivo e de mais fácil entendimento. E, quase que poeticamente, Reid questiona<sup>49</sup>:

Não é uma pena que o requinte de uma vida civilizada, em vez de fornecer os defeitos da linguagem natural, deva extirpá-los, e plantá-los em suas rígidas e tediosas articulações de sons sem sentido, ou em rabiscos de caracteres insignificantes?

Reid ainda vai além defendendo que os sinais artificiais *significam*, mas não *expressam*. As paixões, afeições e desejos só podem ser realmente expressos pelos sinais naturais; os artificiais apenas falam ao *entendimento*. Se subtrairmos os sinais artificiais da conduta humana, ainda sim, os homens serão capazes de

---

<sup>48</sup> REID, 2000, p. 51-52.

<sup>49</sup> Is it not pity that the refinements of a civilized life, instead of supplying the defects of natural language, should root it out, and plant in its stead dull and lifeless articulations of unmeaning sounds, or the scrawling of insignificant characters? (Ibid., p. 52).



comunicação, utilizando todos os sinais naturais possíveis para se fazerem entender<sup>50</sup>:

A perfeição da linguagem é comumente pensada para expressar pensamentos e sentimentos humanos distintamente por estes sinais sem graça, mas se esta é a perfeição da língua artificial, é certamente a corrupção da natural.

Sinais artificiais significam, mas não expressam, eles falam ao entendimento, como caracteres algébricos podem falar, mas as paixões, os afetos e o desejo eles não ouvem: estes continuam inativos, até que falemos a eles na língua da natureza, para a qual são toda atenção e obediência. [...].

Subtraia o uso de sons articulados e da escrita entre os homens durante um século, e cada homem seria um pintor, um ator, e o orador. [...] Como os homens são guiados pela natureza e necessidade de conversar uns com os outros, eles usarão todos os meios a seu dispor para se fazerem entender, e onde eles não podem fazer isso por meio de sinais artificiais, eles farão, na medida do possível, por meios naturais: e ele que entende perfeitamente o uso dos sinais naturais, deve ser o melhor juiz de todas as artes expressivas.

No entanto, uma observação adicional deve ser feita. Muito embora, como dito no capítulo dois da presente pesquisa, o pensamento seja, neste contexto, precedente à linguagem<sup>51</sup>, Reid nos coloca que "as palavras são os sinais de nossos pensamentos", mas muitas vezes nossos pensamentos "tomam as cores da linguagem que usamos"<sup>52</sup>. Como bem anota M. Pinheiro<sup>53</sup>, "a linguagem acaba levando ao pensamento algumas de suas características, como a ambiguidade, a

---

<sup>50</sup> The perfection of language is commonly thought to be, to express human thoughts and sentiments distinctly by these dull signs; but if this is perfection of artificial language, it is surely the corruption of the natural. Artificial signs signify, but they do not express; they speak to the understanding, as algebraical characters may do, but the passions, the affections, and the will, hear them not: these continue dormant inactive, till we speak to them in the language of nature, to which they are all attention and obedience. [...]. Abolish the use of articulate sounds and writing among mankind for a century, and every man would be a painter, an actor, and the orator. [...] as men are led by nature and necessity to converse together, they will use every mean in their power to make themselves understood; and where they cannot do this by artificial signs, they will do it, as far as possible, by natural ones: and he that understands perfectly the use of natural signs, must be the best judge in all the expressive arts. (REID, 2000, p. 52-53).

<sup>51</sup> Cf. PICH, 2010b, p. 256.

<sup>52</sup> Words are the signs of four thoughts; and the sign is so associated with the thing signified, that the last can hardly present itself to the imagination, without drawing the other along with it. A man who would compose in any language, must think in that language. If he thinks in one language what he would express in another, he thereby doubles his labour, and after all, his expressions will have more the air of a translation than of an original. This shows, that our thoughts take their colour in some degree from the language we use; and that, although language ought always to be subservient to thought, yet thought must be at some times, and in some degree, subservient to language. (REID, 2002, p. 358-359).

<sup>53</sup> PINHEIRO, M. S. *A abordagem das práticas doxásticas à epistemologia de William Payne Alston: uma interpretação a partir da leitura de Thomas Reid*. 2011. 268 f. Tese (Doutorado em Filosofia)– Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

vaguidão, a imprecisão"<sup>54</sup>. No entanto, para que a linguagem desempenhe sua função de comunicação no nosso dia-a-dia, essas características não implicam, na maioria das vezes, grandes prejuízos; ainda que, para a filosofia sejam motivo de grandes equívocos. Quando junto aos nossos sinais artificiais nos ampararmos também de sinais naturais, nossa fala terá um considerável avanço, uma apreciável melhoria. De acordo com este pensamento, e se é correto afirmar que a função primordial da linguagem é expressar nossos pensamentos, a tendência de substituir nossa linguagem natural pela artificial torna nossa comunicação imprecisa, vaga, ambígua. Deste modo, temos uma precariedade predominante em nossa linguagem artificial por não nos atermos à linguagem natural. Como Lehrer escreve<sup>55</sup>:

Estes sinais naturais são compreendidos por aqueles que não receberam instrução e permitem comunicação com eles. A linguagem natural tende a ser substituída por uma artificial como o resultado de uma falta de exercício da linguagem natural. Isto é uma perda genuína.

Quando tratamos dos sinais naturais em Reid, é necessário que tenhamos sempre em mente a prioridade destes ante os sinais artificiais para comunicar o que é pensado de forma mais efetiva, sanando as imprecisões da linguagem artificial. Para Reid a linguagem natural demanda um conhecimento inato referente à conexão entre o *signal* e o objeto *senalizado*. Conexão esta que se estabelece, principalmente, por intermédio de três classes de sinais naturais. A primeira classe sugere que a conexão entre, em uma linguagem mais contemporânea, *signo* e *significado* é estabelecida naturalmente, porém revelada apenas através da experiência. A segunda classe é aquela em que a conexão entre signo e significado se dá naturalmente, não sendo necessário raciocínio ou experiência. Já a terceira compreende aqueles sinais que, embora não se tenha nenhuma *noção* prévia sobre a coisa significada, criam naturalmente, como por *mágica*<sup>56</sup>, uma concepção ou crença sobre a coisa significada.

Segundo Lehrer<sup>57</sup>, a teoria dos sinais naturais de Reid é uma teoria dos princípios inatos da mente:

---

<sup>54</sup> PINHEIRO, 2011, p 167.

<sup>55</sup> LEHRER, 2002, p. 51.

<sup>56</sup> Ibid., p. 60.

<sup>57</sup> LEHRER, 2002, p. 45.

O primeiro tipo de princípio inato é o que conecta as coisas na mente como resultado de serem unidas na experiência e faz de uma o sinal da outra. O segundo tipo de princípio inato conecta as coisas na mente antes de serem ligadas na experiência e fazem de uma o sinal da outra. O terceiro sinal de princípio inato não só conecta as coisas na mente antes da experiência e faz de uma o sinal da outra, mas também gera a nossa primeira concepção da coisa significada. A distinção entre o segundo e terceiro tipo de sinais reflete uma diferença no problema da mente dos outros e o problema do mundo externo. No caso das mentes dos outros, temos uma concepção da percepção mental da nossa consciência delas. O problema não é o de obter uma concepção de operações mentais dos outros. É o de determinar que comportamento dê significado às operações em que as operações da mente dos outros são 'invisíveis' para nós. Aqui a natureza supre a relação entre o sinal e o que ele significa como resultado de um primeiro princípio. No caso de o mundo externo, existe o problema de se obter uma concepção dos objetos externos e suas qualidades primárias, bem como o de determinar o que dá significado à existência de tais objetos e qualidades. Aqui a natureza supre nossa primeira concepção de objetos externos e as qualidades primárias por um primeiro princípio, bem como fornece a conexão entre o sinal e o que ela significa desta forma.

A partir destes princípios inatos, Reid conclui que a conexão entre nossas sensações e a concepção e a crença dos objetos externos não pode ser produzida por hábito, tampouco por experiência ou aprendizagem, mesmo que invariavelmente conectadas. E, por isso, esta conexão é efeito da nossa constituição e deve ser considerada como princípio original da natureza humana. Como já citado, para Reid, a linguagem não é, em última análise, uma invenção do homem; o homem apenas construiu suas línguas, seus idiomas, sua linguagem artificial. A linguagem *original* é natural, anterior a qualquer convenção linguística, e os seres humanos são naturalmente hábeis para interpretar estes sinais da linguagem natural<sup>58</sup>, linguagem esta já capacitada para expressar nossos pensamentos. Em se tratando da linguagem artificial, se não a esclarecermos, apenas obscurecerá o que se passa em nossa mente.

Contemporaneamente, Schuhmann e Smith<sup>59</sup> retomam a teoria de Reid, mencionada anteriormente, de que os sinais naturais têm significado anterior a qualquer acordo entre aqueles que os usam significativamente<sup>60</sup>:

---

<sup>58</sup> The signs in the natural language of the human countenance and behavior, as well as the signs in our original perceptions, have the same signification in all climates and in all nations; and the skill of interpreting them is not acquired, but innate. (Id., 2000, p. 191).

<sup>59</sup> SCHUHMAN, K; SMITH, B. *Elements of Speech Act Theory in The Work of Thomas Reid*. **History of Philosophy Quarterly**, v. 7, n. 1, January/1990. p. 47-66.

<sup>60</sup> SCHUHMAN, K; SMITH, B., p. 51.

Reid afirma que nem todos os elementos da linguagem podem ser artificiais. Certamente é uma questão de artifício que a pedra foi nomeada pedra em uma língua e lápis em outra. Mas Reid sustenta que a instituição de tais palavras escolhidas arbitrariamente poderia ocorrer apenas se as pessoas concordassem em nomear certas coisas de uma certa maneira, e isto pressupõe que, anterior a todos sinais artificiais, elas tinham à sua disposição determinados meios naturais de expressar concordância na escolha dos sinais artificiais para representar objetos dados. Nem todas as línguas podem ser, portanto, um caso de absoluta invenção (proposital). Já que os sinais, em geral, foram divididos desde a antiguidade em naturais e artificiais, então, no que diz respeito à linguagem em particular, deve-se distinguir entre os elementos artificiais (que, embora em número que supere o resto, podem em princípio ser inteiramente substituídos por outros), e os poucos recursos que por necessidade subjazem a este sistema de elementos artificiais e constituem a linguagem natural do homem. Este último é um sistema de signos naturais que, por sua vez, refletem certas características inatas e universais de nosso aparato cognitivo.

De forma geral, pelo que foi exposto no decorrer deste capítulo, conclui-se que, para Reid, a linguagem é os sinais que o homem usa para comunicar seus pensamentos e intenção aos outros; e sua força está originalmente nos sinais naturais, que são inatos a todos os seres humanos, pois são esses sinais que possibilitam a comunicação dos pensamentos e intenções, já que são anteriores aos artificiais. Talvez, um dos argumentos principais de sua concepção de linguagem repouse sobre o papel fundamental à atenção requerida à nossa linguagem, à nossa forma de comunicação, para que se possa expressar de forma mais fiel nossas operações mentais, embora Reid reconheça que não há linguagem apta a representar a vida mental consciente com precisão. E, já que o papel fundamental da linguagem é comunicar as operações mentais, passar-se-á, então, a uma análise da teoria reidiana das *operações da mente*.

### 3 DAS OPERAÇÕES DA MENTE

Para que se possa falar sobre a teoria das *operações da mente*, nada mais justo com Thomas Reid, que iniciar, a seu modo, por *definir palavras* que são caras ao estudo de tal teoria. Aqui atentaremos a duas delas: *mente* e *operação*. A atenção dispensada por Reid a este tópico enceta seus *Essays*, e a primeira palavra a ser definida é *mente*. Reid admite que, assim como da essência do corpo, da essência da mente nada ou pouco sabemos. No entanto, afirma que do corpo nos é possível definir certos atributos, ao passo que, da mente, estamos autorizados a falar de suas *operações*<sup>61</sup>:

Pela mente do homem, entendemos aquilo que nele pensa, lembra, raciocina, deseja. [...] Somos conscientes que pensamos, e que temos uma variedade de pensamentos de diferentes tipos, tais como ver, ouvir, lembrar, deliberar, resolver, amar, odiar, e muitos outros tipos de pensamentos, todos os que são ensinados pela natureza a atribuir a um princípio interno, e este princípio de pensamento chamamos de *mente* ou *alma* de um homem.

Como visto, para Reid, *mente* é tudo aquilo que podemos considerar como *pensar*. De acordo com sua concepção, a mente é um ente, por natureza, ativo; e *operação da mente* é todo e qualquer modo de pensar do qual estamos, ou somos, conscientes<sup>62</sup>, ou seja, toda e qualquer *atividade intelectual consciente* é uma *operação*. Uma das grandes contribuições de Reid para os estudos da mente e da linguagem foi ter percebido que as operações da mente são *sociais*. Como esclarece A. Leclerc<sup>63</sup>, Reid trouxe a ideia que nem todas as operações da mente independem do ambiente social.

Para Reid, tudo aquilo que nos é possível saber sobre a mente humana implica *vida e energia ativa*; e, é a partir desta implicação que todos os seus modos de pensar são chamados de *operações*; operações estas que, em sua maioria, não são meramente passivas como o corpo é, mas são realmente e propriamente

---

<sup>61</sup> By the mind of man, we understand that in him which thinks, remembers, reasons, wills. [...] We are conscious that we think, and that we have a variety of thoughts of different kinds; such as seeing, hearing, remembering, deliberating, resolving, loving, hating, and many other kinds of thoughts, all which we are taught by nature to attribute to one internal principle; and this principle of thought we call the *mind* or *soul* of a man. (REID, 2002, p. 20).

<sup>62</sup> Ibid., p.20-21.

<sup>63</sup> LECLERC, A. *Operações sociais da mente*. Veritas, v. 55, n. 2, 2010, p. 108-125.

ativas<sup>64</sup>. E é exatamente por intermédio destes poderes e faculdades que Reid acaba por explicar as características da vida mental. E, num passo ainda maior, conforme Pich<sup>65</sup>:

Reid [...] acabará por dizer que toda a filosofia é, primariamente, observação da mente e, secundariamente, é observação daquilo que, na linguagem e no comportamento, permite saber sobre a mente. Dado que é o mental aquilo que se quer conhecer, então a ênfase toda recai no que Reid chama de “atenção” às próprias operações mentais, e por essa atenção pode-se entender uma forma de “reflexão” ou voltar-se com a mente à própria mente – ou uma forma de introspecção. A filosofia precisa se fazer reflexiva, pois todos os seus assuntos se voltam ao mental ou o que só pode ser acessado por uma consciência introspectiva.

De acordo com Reid, toda *consciência* é já *autoconsciência*. Se penso, sei que estou pensando, sei de *meus próprios pensamentos*, como também sei o significado das sentenças que profiro. Reid afirma, de acordo com Pich, que "uma noção distinta sobre as operações pressupõe como condição necessária uma consciência delas"<sup>66</sup>. Para Reid é preciso atentar às operações enquanto estão ocorrendo e refletir cuidadosamente assim que são executadas, ainda *frescas em nossa memória*<sup>67</sup>. Para isso, é necessário fazer uso do *poder de reflexão* através do qual a mente se volta a ela mesma e observa suas ações e operações, permitindo que possamos ter noções distintas do nosso poder ou do poder do outro<sup>68</sup>.

Na concepção de Reid, todo homem é consciente de suas operações da mente, porém são poucos aqueles que refletem sobre estas operações ou fazem delas seu objeto de pensamento, dando atenção geralmente ao objeto externo sobre o qual essas operações acontecem e não às operações mesmas. Reid sugere ainda que a *atenção* é um ato *voluntário* que requer um esforço para ser iniciado e ter continuidade, cuja duração depende do desejo de quem a utiliza; e, muito mais do que isso, precisa ser desenvolvida por exercício, prática. Até que se crie o hábito de

---

<sup>64</sup> REID, 2002, p. 20-21.

<sup>65</sup> PICH, 2010b, p. 253-254

<sup>66</sup> PICH, loc. cit.

<sup>67</sup> [T]o our having a distinct notion of any of the operations of our own minds, it is not enough that we be conscious of them, for all men have this consciousness: It is farther necessary that we attend to them while they are exerted, and reflect upon them with care, while they are recent and fresh in our memory. (REID, 2000, p. 96).

<sup>68</sup> Id., 2002. p. 58.

atentar para as operações da nossa própria mente não será possível distinguir suas noções, tampouco julgá-las com *precisão*<sup>69</sup>. Então, algo além de atenção às operações se faz necessário para se descobrir a verdade no que diz respeito a essas operações, como Reid disserta<sup>70</sup>:

[A] fim de descobrir a verdade no que diz respeito às operações da mente, não é suficiente que um homem seja capaz de dar atenção a elas; ele deve ter capacidade de distinguir com precisão as suas diferenças mínimas, para resolver e analisar operações complexas em seus ingredientes simples, para desdobrar a ambiguidade das palavras, que nesta ciência é maior do que em qualquer outra, e dar-lhes a mesma precisão que termos matemáticos têm. Porque, na verdade, a mesma precisão no uso das palavras, a mesma atenção para as diferenças mínimas das coisas, o mesmo talento para a abstração e análise, que se encaixa a um homem para o estudo da matemática, não é menos necessário aqui.

Talvez daí possamos também pensar que, quando se dá a devida *atenção* às operações da mente, compreende-se por que Reid as classifica em duas classes: operações *sociais* e operações *solitárias*<sup>71</sup>. Pois, a partir desta *atenção* dispensada às próprias operações, percebemos que algumas delas ocorrem independentemente de existirem ou não outros entes inteligentes (*solitary operations*), enquanto outras não existiriam se não tivéssemos plena convicção da capacidade de compreensão do outro (*social operations*)<sup>72</sup>. Para Reid, aponta Coady<sup>73</sup>, as operações sociais pressupõem interlocução com outros seres inteligentes, pressupõem linguagem e expressão, enquanto as operações solitárias consistem em ver, ouvir, recordar, julgar e raciocinar, formando proposições e as executando.

---

<sup>69</sup> REID, 2002. p. 59.

<sup>70</sup> [I]n order to discover the truth in what relates to the operations of the mind, it is not enough that a man be able to give attention to them; He must have ability to distinguish accurately their minute differences; to resolve and analyze complex operations into their simple ingredients; to unfold the ambiguity of words, which in this science is greater than in any other, and to give them the same accuracy and precision that mathematical terms have. For, indeed, the same precision in the use of words; the same cool attention to the minute differences of things; the same talent for abstraction and analysing, which fits a man for the study of mathematics, is no less necessary in this. (Ibid., p.61).

<sup>71</sup> REID, op. cit., p. 68.

<sup>72</sup> É importante ressaltar, como nos alerta André Leclerc que: "A posição de Reid é certamente inovadora no século 18; no entanto, hoje, o mais difícil é defender a existência do que ele chama de 'operações solitárias', que pareciam tão naturais a Reid e a seus predecessores. É extremamente difícil conhecer as operações da nossa própria mente." (LECLERC, 2010, p. 120).

<sup>73</sup> COADY, C. A. J. *Reid and the Social Operations of Mind*. In: CUNEO, T. and VAN WOUDEBERG, R. (Eds.). **The Cambridge Companion to Thomas Reid**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 180 – 203.

### 3.1 OPERAÇÕES SOLITÁRIAS E OPERAÇÕES SOCIAIS DA MENTE

Para um maior entendimento da distinção feita por Reid entre as operações da nossa mente, pontua-se que, concordando com Coady, Reid pensa a *expressão* por intermédio da linguagem falada como intrinsecamente orientada para a comunicação e como necessitando de formação simbólica; muito embora, Reid não concorde que as *linguagens artificiais*, "incluindo aquelas muitas vezes chamadas de linguagens naturais para distingui-las de sistemas formais simbólicos, sejam a única forma que a linguagem pode tomar"<sup>74</sup>. Segundo o pensamento de Reid, um homem pode ter entendimento e vontade. Ele pode apreender, julgar e raciocinar, ainda que não tenha conhecimento de nenhum ente inteligente no universo além dele mesmo<sup>75</sup>. Mas, em outras operações se percebe que é necessário que haja outra mente inteligente para que estas operações se deem, como, por exemplo, prometer e testemunhar. Reid nos situa<sup>76</sup>:

[Q]uando ele [um ente inteligente] pede informação, ou a recebe; quando ele dá um testemunho, ou recebe o testemunho de outro; quando ele pede um favor, ou aceita um; quando dá uma ordem a seu criado, ou recebe uma de um superior: quando ele suplica sua fé em uma promessa ou contrato; estes são atos de relações sociais entre os seres inteligentes, e não têm lugar na solidão. Eles supõem entendimento e desejo, mas eles supõem algo mais, que não é nem compreensão nem desejo; e sim, a sociedade com outros seres inteligentes. Eles podem ser chamados intelectuais, porque eles só podem ocorrer em seres intelectuais, mas eles não são nem a apreensão simples, nem juízo, nem raciocínio, nem são de qualquer combinação destas operações.

Reid coloca que as operações sociais aparecem muito cedo na vida de um ser humano, antes mesmo de ser capaz de raciocinar (*reasoning*), pressupondo, contudo, a existência de outros seres inteligentes. O fato de uma criança perguntar algo à pessoa sob a qual está aos cuidados, como argumenta Reid, não só implica o

---

<sup>74</sup> COADY, 2004, p.184.

<sup>75</sup> REID, 2002, p. 69.

<sup>76</sup> [W]hen he [um ente inteligente] asks information, or receives it; when he bears testimony, or receives the testimony of another; when he asks a favour, or accepts one; when he gives a command to his servant, or receives one from a superior: when he plights his faith in a promise or contract; these are acts of social intercourse between intelligent beings, and can have no place in solitude. They suppose understanding and will; but they suppose something more, which is neither understanding nor will; that is, society with other intelligent beings. They may be called intellectual, because they can only be in intellectual beings: but they are neither simple apprehension, nor judgment, nor reasoning, nor are they any combination of these operations. (Ibid., p. 68).



desejo de resposta, mas também uma convicção de que esta pessoa é um ser inteligente capaz de comunicar seus pensamentos a ela<sup>77</sup>. Para Reid essas *operações sociais* são dignas de muita atenção; atenção esta que não fora dada por outros filósofos até a publicação de seus *Essays* em 1785. De acordo com Schuhmann e Smith<sup>78</sup>:

Uma primeira importante conclusão que Reid extrai disso é que as operações sociais formam uma classe a parte das operações solitárias e que elas não podem ser reduzidas à última. Ambas são, no entanto, operações da mente [...] Qualquer diferença específica entre operações mentais sociais e solitárias havia sido negada pelos filósofos antes do tempo de Reid – da mesma forma que tentaram 'resolver todas as nossas afeições sociais no egoísmo' [...] <sup>79</sup>. Os dois tipos de atos são elementos finais e irreduzíveis: operações sociais, por exemplo, não contêm atos solitários como partes constituintes. Operações sociais não são nem modificações acidentais de atos solitários, nem combinações ou composições do mesmo, fato que assegura a legitimidade de tratar as operações sociais como constituintes de um campo separado de investigação. Esta característica do ato social - sua irreduzibilidade - pode ser desdobrada em dois modos distintos: atos sociais são (1), tais como ter uma dimensão necessária comunicativa (normalmente linguística), e (2), tal como ter um direcionamento necessário às pessoas que não o falante. (1): Reid diz-nos que nas operações sociais, a expressão é essencial. Elas não podem existir sem ser expressas por palavras ou sinais.

Podemos perceber na citação acima a importância que devemos dar também à língua, à nossa linguagem verbal, já que sua função primeira e direta é expressar essas operações sociais, embora todas as linguagens sejam também aptas a expressar as operações solitárias da mente. Faz-se importante colocar que se não houvesse o propósito de interlocução com outro ser inteligente, as línguas não existiriam. No entanto, para Reid, a partir do momento em que uma língua é aprendida, ela pode servir também às operações solitárias da mente, vestindo seus pensamentos com palavras. Nessa mesma linha de raciocínio, Leclerc<sup>80</sup> argumenta:

É extremamente difícil conhecer as operações da nossa própria mente. Reid, como Locke, recomenda uma “reflexão cuidadosa” sobre elas como principal fonte de conhecimento, mas a linguagem serve para dar indicações e ponderar as intuições que podem às vezes enganar. Uma

<sup>77</sup> REID, 2002, p. 69.

<sup>78</sup> SCHUHMAN; SMITH, 1990, p. 60-61.

<sup>79</sup> O fragmento "resolver todas as nossas afeições sociais no egoísmo" (*to resolve all our social affections into the selfish*) foi referenciada por Schuhmann e Smith, como extraída de: REID, T. *Essays on the Active Powers of the Human Mind*, Cambridge, Mass. and London: M.I.T. Press, 1969, p. 439.

<sup>80</sup> LECLERC, 2010, p. 120.

atenção cuidadosa à estrutura da linguagem é muito importante para entender as operações da mente. Reid, imediatamente, chama a atenção sobre as várias “formas do discurso” (*forms of speech*) que em todas as línguas expressam as operações da mente. Aqui, a tradição de pesquisa da Gramática Universal desde Port-Royal distingue entre o objeto de nosso pensamento (os conceitos, isto é, a matéria de um juízo possível) e a forma ou a maneira de nosso pensamento (principalmente o juízo, mas também outros “movimentos de nossa alma”, como os desejos, o comando, a interrogação, etc.). Reid fala nesse contexto de “modos de discurso” (*modes of speech*) que correspondem ao que chamamos hoje de “aspectos ilocucionários do significado”<sup>81</sup>.

De acordo com as premissas basilares da *gramática universal* (GU)<sup>82</sup> colocadas por Leclerc<sup>83</sup>, a linguagem nada mais é que a expressão (ou análise) do pensamento (conceitual); e *a comunicação dos pensamentos é a principal função da linguagem*. Soma-se a estas premissas, ainda, que o pensamento é o mesmo em toda parte e para todos (postulado da universalidade do pensamento, baseado na

---

<sup>81</sup> "Aspectos ilocucionários do significado" é parte constituinte da Teoria dos Atos de Fala. Segundo D. M. Souza Filho, tal teoria possui três dimensões integradas: respectivamente os atos locucionários, ilocucionários e perlocucionários: "O ato locucionário consiste na dimensão linguística propriamente dita, isto é, nas palavras e sentenças empregadas de acordo com as regras gramaticais aplicáveis, bem como dotadas de sentido e referência. O ato ilocucionário, que pode ser considerado o núcleo do ato de fala, tem como aspecto fundamental a força ilocucionária. A força consiste no performativo propriamente dito, constituindo o tipo de ato realizado. Quando digo 'Prometo que lhe pagarei amanhã', meu proferimento (*utterance*) do verbo 'prometer' constitui o próprio ato de prometer; não se trata de uma descrição de minhas intenções ou de meu estado mental. Ao proferir a sentença eu realizo a promessa. A força do meu ato é a da promessa. Portanto, 'prometer' é um verbo performativo, e os verbos performativos geralmente descrevem as forças ilocucionárias dos atos realizados". De acordo com Souza Filho, nós podemos fazer "uma promessa sem usar explicitamente o verbo 'prometer', dizendo, por exemplo, 'Eu lhe pagarei amanhã', e isso contaria como uma promessa dadas as circunstâncias adequadas. Por outro lado, poderia contar também como uma ameaça em circunstâncias diferentes. Isso revela que atos ilocucionários podem ser realizados com verbos performativos implícitos e, ainda assim, ter a força que pretendem ter. Por isso, pode-se dizer que a realização de um ato de fala com uma determinada força vai além de seus elementos linguísticos propriamente ditos". Ainda conforme Souza Filho, "na linguagem ordinária este é um fenômeno bastante comum" e "um dos objetivos principais da análise dos atos de fala consiste precisamente em tornar explícita a força do ato realizado". SOUZA FILHO, D. M. *A Teoria dos Atos de Fala como concepção pragmática de linguagem*. **Filosofia Unisinos**, 2006, p. 224.

<sup>82</sup> F. Sanches é um precursor da relação linguagem e pensamento e da Gramática Universal. Se a língua expressa o pensamento, deve existir um nível onde ela contate com o pensamento, e, portanto, deve ser comum a todas as línguas. Deve haver uma maneira da estrutura do pensamento se transpor às diversas línguas. (Seria a parte lógica da linguagem). Os gramáticos de Port-Royal, Lancelot e Arnauld, tomam as ideias de Sanches sobre Lógica e Linguagem. As línguas são diferentes, mas os pensamentos não o são, necessariamente. Algum nível da língua deve ser comum. Arnaud quis demonstrar que a linguagem, imagem do pensamento, está fundada na razão. Os ideais da gramática especulativa foram reavivados na França durante o século XXVII pelos mestres da Port-Royal. Em 1660 publicaram *Grammaire Generale et Raizonnee*, cujo propósito era demonstrar que a estrutura da linguagem é um produto da razão e que as distintas línguas não são mais que variantes de um sistema racional e lógico mais geral. (ANDRADE, G; SKLIAR, M; et. al. *Curso de Linguística Geral: Notas de Aula do Dr Prof Jorge Campos*, [1998]. Disponível em: < [www.jcamposc.com.br/cursos/curso\\_de\\_linguistica\\_geral.pdf](http://www.jcamposc.com.br/cursos/curso_de_linguistica_geral.pdf)>. Acessado em: 25 dez. 2012).

<sup>83</sup> LECLERC, 2010, p. 112.

tese da uniformidade da natureza humana). Leclerc salienta, ainda, que este princípio é central, pois sem ele não haveria uma GU<sup>84</sup> sem a uniformidade da natureza humana<sup>85</sup>, e não haveria também universais linguísticos. Ademais, para expressar esses pensamentos através da linguagem se faz necessário decompor e analisar os elementos linguísticos, usando aqueles que sabemos manipular melhor, a saber, os sinais artificiais, sinais criados pelo homem para comunicar *com eficiência* seus pensamentos<sup>86</sup>.

Além disso, nesse caso, pode-se ainda somar, como nos enuncia Pich que: "por 'operações da mente' compreende-se 'entendimento', 'vontade' e 'paixões', que, sendo comuns à humanidade, possuem 'formas' ou 'modos de discurso' correspondentes em todas as línguas conhecidas"<sup>87</sup>. Segundo esta proposta, podemos entender tais *formas* ou *modos* de discurso como sendo *sinais* dos estados mentais que são postos por nós para que estes estados mentais sejam expressos, e a atenção aos *sinais* é o que poderia clarificar o que está a ser significado por nós no momento da fala. Assim, ainda segundo Reid, nas palavras de Pich<sup>88</sup>:

[H]á, nas linguagens humanas, muitos "modos de discurso" (fato fonético e empiricamente constatável) pelos quais, por exemplo, os seres humanos

<sup>84</sup> "A Gramática de Port-Royal [...] acaba consolidando o princípio gramatical dos alexandrinos (séculos II e I A.C.). Os alexandrinos aperfeiçoaram a teoria de Aristóteles (384-322 A.C.), que procedeu à análise da estrutura linguística grega, concebendo a gramática como parte da Lógica. Porém, atribuíram maior importância aos aspectos que contrariam a regularidade da organização linguística e, procurando mantê-la (a regularidade), preconizam uma doutrina fundamentalmente normativa do Certo e do Errado. Tal doutrina foi levada a efeito na imposição política de uma língua ou dialeto sobre os demais – por exemplo, na imposição do Ático, na Grécia, e do Latim, nas conquistas do Império Romano". Port-Royal, no entanto, "embora retome a visão greco-alexandrina, estabelece princípios não diretamente ligados à descrição de uma língua particular, e, sim, princípios universais, ao construir, de acordo com a lógica cartesiana, uma espécie de esquema de linguagem, ao qual, de bom ou mal grado, as múltiplas aparências da língua real devem se submeter; ou seja, deixa de considerar a heterogeneidade linguística, as variações determinadas pelas diferentes situações de uso". (PERFEITO, 2006. p. 825).

<sup>85</sup> "Se a natureza humana não fosse uniforme, não haveria limite de variabilidade na expressão dos pensamentos, e a GU estaria sem fundamentos". (LECLERC, 2010, p. 114).

<sup>86</sup> Mesmo não sendo de fundamental importância ao plano do presente trabalho, vale notar a importantíssima ponderação de André Leclerc quanto à contribuição de Reid ao conceito de Gramática Universal: "A Gramática Geral que eles [Arnauld & Lancelot] criaram era assentada sobre uma concepção de mente como substância autocontida. A tradição da gramática filosófica seguiu com essa concepção até Reid sugerir uma concepção de mente que se aproxima bastante dos externistas contemporâneos, com seu realismo direto na teoria da percepção e as operações sociais da mente. Ao se afastar do solipsismo metodológico de sua época, ele permitiu assim a superação de uma limitação importante da tradição da Gramática Universal" (Ibid., p. 123).

<sup>87</sup> PICH, 2010b, p. 256.

<sup>88</sup> PICH, loc. cit.

significam estados mentais que são juízos – de recusa ou aceitação – ou, então, que significam seus testemunhos [...].

A partir da estrutura correspondente entre mente e linguagem e do fato de a linguagem comportar o individual e o plural, pode-se concluir que a mente é capaz de concepções e percepções tanto da coisa individual quanto da coisa “universal”.

Neste ponto volta-se à teoria dos sinais de Thomas Reid. De acordo com Coady<sup>89</sup>, Reid liga as operações sociais da mente aos sinais da uma *linguagem natural*, tais como olhares, gestos, e modulações da voz, sem os quais as linguagens artificiais não existiriam. Da maneira que Reid nos coloca, a linguagem é a imagem expressa do pensamento humano através da qual se chega a conclusões sobre o original. Quanto à linguagem artificial, Reid argumenta que todas as línguas têm as mesmas partes do discurso (*parts of speech*): substantivos, adjetivos e verbos, assim como algumas regras de sintaxe também são as mesmas em todas as línguas<sup>90</sup>. Reid sustenta que<sup>91</sup>:

Em todas as eras, e em todas as línguas, antigas e modernas, os vários modos de pensamento têm sido expressos por palavras de significação ativa, tais como ver, ouvir, raciocinar, desejar, e afins. Parece, portanto, ser o juízo natural da humanidade, que a mente é ativa em suas várias formas de pensar, e por essa razão eles são chamados de suas operações, e são expressos por verbos ativos.

É bem provável que o uso comum destes *verbos ativos*, que denotam alguma ação ou operação, garanta que o nosso pensamento possa ser expresso ao outro de maneira satisfatória, e também faça com que Reid conclua que aquilo que ocorre na mente humana é *vida e energia ativa*, razão para que todos os modos de pensamento sejam chamados de *operações*<sup>92</sup>. Pois, foi a partir de uma linguagem natural e de nossa capacidade criativa e de abstrações que se chegou ao *constructo* de uma linguagem artificial, linguagem esta acordada entre seres inteligentes e composta por todos os elementos linguísticos necessários para que comuniquemos nossos estados mentais uns aos outros. É-nos bem possível concluir também, a

---

<sup>89</sup> COADY, 2004, p. 184.

<sup>90</sup> REID, 2002, p. 466.

<sup>91</sup> In all ages, and in all languages, ancient and modern, the various modes of thinking have been expressed by words of active signification, such as seeing, hearing, reasoning, willing, and the like. It seems therefore to be the natural judgment of mankind, that the mind is active in its various ways of thinking; and for this reason they are called its operations, and are expressed by active verbs. (Ibid., p. 21).

<sup>92</sup> REID, 2002, loc. cit.

partir do presente capítulo, que, se não existissem operações da mente que são sociais, não haveria a necessidade de criação de uma linguagem artificial. Bastar-nos-ia a linguagem natural para que vivêssemos de modo concreto e, a exemplo dos dois selvagens<sup>93</sup>, sem necessidade de *abstrações* linguísticas. Tudo isto porque as operações sociais têm uma dimensão comunicativa necessária que se dá por linguagem e expressão entre seres inteligentes. É através dessas operações sociais, através de vários *modos de discurso*, que os seres humanos expressam seus estados mentais e seus testemunhos. Dado isso, passar-se-á, no próximo capítulo, a uma exploração acerca do testemunho com intenção de encaminhar o leitor a uma possível resposta ao papel da *linguagem* na relação mente e mundo em uma leitura a partir de Thomas Reid.

---

<sup>93</sup> Cf. REID, 2000.

## 4 O TESTEMUNHO

Quando filósofos usam a palavra *testemunho*, conforme R. Audi<sup>94</sup>, geralmente eles têm em mente “qualquer instância de alguém dizendo alguma coisa a outro”. Em outras palavras, testemunho é o tipo de coisa pela qual se aprende fatos ditos por outro ser inteligente; ou ainda, num sentido mais *amplo*, testemunho aplica-se a quase tudo que nós dizemos aos outros. Infelizmente não há espaço no presente trabalho para maiores e mais detalhadas discussões a respeito deste tópico acerca da aquisição de conhecimento. No entanto, para que se continue com a investigação sobre a concepção reidiana de linguagem subjacente à sua teoria das operações da mente e a relação entre mundo, mente e linguagem é necessário que se trate, aos moldes e à visão de Thomas Reid, a questão da *confiabilidade* e do *valor* do testemunho. Para isso, este capítulo está dividido em duas partes. Inicialmente, o leitor encontrará uma breve introdução a cerca do postulado do testemunho para Reid, que intenciona estabelecer a relação de linguagem, principalmente linguagem falada, com testemunho. E, seguidamente, o leitor será levado a uma exposição dos princípios de *veracidade* e *credulidade* formulados por Reid para garantir a crença no testemunho.

Para Reid, os objetos do conhecimento humano são inúmeros, mas os canais pelos quais são transmitidos são poucos. Entre eles, Reid dá atenção à percepção das coisas externas pelos nossos sentidos e às informações que recebemos pelo testemunho humano. Segundo Reid, no testemunho humano, dado pela linguagem falada, as coisas são significadas por meio de sinais, e em cada um deles a mente passa, seja por princípios originais ou por costume, do sinal à concepção e à crença das coisas significadas<sup>95</sup>. F. Müller<sup>96</sup> pondera que pessoas invariavelmente não aprendem a falar ou a pensar sem a ajuda de outros. Ainda de acordo com Müller<sup>97</sup>, muitas das crenças de uma pessoa dependem pelo menos em parte do testemunho de alguém.

<sup>94</sup> AUDI, R. *Testimony, Credulity, and Veracity*. In: LACKEY, J; SOSA, E. (Ed.). **The epistemology of testimony**. Oxford : Clarendon Press, 2006, p. 25-49.

<sup>95</sup> REID, 2000, p. 190.

<sup>96</sup> MÜLLER, F. *Conhecimento Testemunhal: A Visão Não Reducionista*. Veritas, v. 55, n. 2, 2010, p. 126-143.

<sup>97</sup> Ibid., p. 126-127.

Em Reid lemos que o testemunho sempre será expresso linguisticamente ante outro ente inteligente e capacitado para a compreensão desta expressão. Por *linguisticamente* deve-se entender como por intermédio da linguagem artificial, principalmente, por intermédio da linguagem falada. Thomas Reid defende que o testemunho é um ato social e essencialmente expresso por palavras e signos<sup>98</sup>. Para uma melhor ilustração, nota-se que Reid propõe que um testemunho tácito é uma contradição, enquanto um juízo tácito é apenas um erro que não fora expresso em palavras. Logo, um falso testemunho é uma mentira, ao passo que um juízo errôneo é apenas um erro<sup>99</sup>. Muito embora, Coady<sup>100</sup> nos chame a atenção quanto à opacidade desta sustentação, pois lemos em Reid, segundo Coady, duas afirmações altamente dúbias<sup>101</sup>. Na primeira afirmação, Reid alega que o testemunho não expressa juízo; na segunda, assegura que a expressão pública de uma opinião científica ou crítica não é testemunho, mas expressão de juízo<sup>102</sup>. Porém, certo é que, na argumentação reidiana, a função primordial da linguagem é *expressar* as operações sociais da mente por intermédio do testemunho, e não a de expressar juízos, que são atos solitários da mente. A expressão linguística de um *juízo* não é o próprio juízo. O juízo mesmo é uma operação solitária da mente. Pelo o que fora dito, vale que se saliente que para Reid<sup>103</sup>:

[E]m todas as línguas testemunho e juízo são expressos pela mesma forma de discurso. Uma proposição afirmativa ou negativa, com um verbo no que é chamado de modo indicativo, expressa ambos. Para diferenciá-los pela forma de discurso, seria necessário que os verbos tivessem dois modos indicativos, uma para testemunho, e outro para expressar juízo. Eu sei que isto não é encontrado em qualquer idioma.

---

<sup>98</sup> REID, 2002, p. 407.

<sup>99</sup> Testimony is a social act, and it is essential to it to be expressed by words or signs. A tacit testimony is a contradiction: But there is no contradiction in a tacit judgment; it is complete without being expressed. In testimony a man pledges his veracity for what he affirms; so that a false testimony is a lie: But a wrong judgment is not a lie, it is only an error. (REID, loc. cit.).

<sup>100</sup> COADY, C. A. J. *Testimony: A Philosophical Study*. Oxford: Clarendon, 1992. 315 p.

<sup>101</sup> *Ibid.*, p. 56.

<sup>102</sup> REID, op. cit., p. 406-407.

<sup>103</sup> [I]n all languages testimony and judgment are expressed by the same form of speech. A proposition affirmative or negative, with a verb in what is called the indicative mood, expresses both. To distinguish them by the form of speech, it would be necessary that verbs should have two indicative moods, one for testimony, and another to express judgment. I know not that this is found in any language. (REID, 2002, p. 407).

Deste modo, a partir da ideia que *em todas as línguas o testemunho e o juízo são expressos pela mesma forma de discurso* e que tanto proposições afirmativas ou negativas são expressas por verbos no modo indicativo, Reid conclui que para sabermos a intenção daquele que nos fala sempre atentaremos ao *assunto* e às *circunstâncias*<sup>104</sup>, e, assim, poderemos facilmente ver se um homem pretende dar o seu testemunho ou meramente expressar o seu juízo, não a partir da escolha de sua *forma de discurso*.

Contudo, considerando a semelhança da linguagem utilizada por nós para expressarmos tanto *juízos* quanto *testemunho* e o postulado que é apenas segundo as circunstâncias e os assuntos que sabermos a diferença entre essas expressões, cabe que indaguemos: como é e o que garante que aquilo que nos falam é confiável e certo ou meramente equívocos intelectuais ou mentiras grotescas? Ou melhor, o que nos garantiria (e nos faria crer) na comunicação de um testemunho por intermédio da linguagem artificial, que a palavra do outro é digna de confiança? Para tal, Reid formula dois princípios que convencionamos chamar de princípio de veracidade (*the principle of veracity*) e princípio de credulidade (*the principle of credulity*). Estes princípios são, como expõe Cleve<sup>105</sup>, elementares para que entendamos satisfatoriamente o pensamento de Thomas Reid acerca do testemunho humano. Ou, como lemos nas palavras de Cleve, "estes princípios são os elementos-chave em sua [de Thomas Reid] consideração de como as palavras dos outros venham a ser sinais que expressam a nós as coisas que não teríamos como saber por nós mesmos"<sup>106</sup>.

---

<sup>104</sup> Aqui, mais uma vez é possível notar a *antecipação* de Thomas Reid, quanto à Filosofia da Linguagem contemporânea, em que os aspectos sociais e o contexto em que a comunicação se dá, aparecem como determinantes na elaboração destas teorias, tais como, por exemplo, a do *segundo* Wittgenstein. Pois, para Wittgenstein, nas *Investigações Filosóficas* (2009), o significado de toda palavra é o seu uso na linguagem, e, sendo "significado", uma palavra da linguagem, ela pode ter, como as demais, uma variedade de diferentes usos, usos estes que devem possuir regras. E a identificação entre significado e uso, só poderia ser finalmente resgatado pelo estabelecimento de uma "gramática" constituída pelos possíveis conjuntos ou sistemas de regras capazes de determiná-lo. Estes sistemas ou complexos de regras são o que Wittgenstein, de uma forma geral, chamou de jogos de linguagem. Um jogo de linguagem pode ser entendido como um sistema de comunicação formado por signos, regras, usuários e o contexto dos fenômenos (ações, situações) circundantes. Ele deve incluir tanto a dimensão sintática da linguagem, como sua dimensão pragmática.

<sup>105</sup> CLEVE, J. *Reid on the Credit of Human Testimony*. In: LACKEY, J; SOSA, E. (Ed.). **The epistemology of testimony**. Oxford : Clarendon Press, 2006, p.50-74.

<sup>106</sup> *Ibid.*, p. 51.



#### 4.1 VERACIDADE E CREDULIDADE

Muito antes da composição de seus *Essays*, Thomas Reid, já no *Inquiry*, publicado em 1764, havia tratado direta e abertamente sobre o testemunho humano ao que respeita seu papel na aquisição de conhecimento, bem como seus princípios essenciais para o funcionamento da argumentação acerca do testemunho. Segundo Felipe Müller, Reid considerou de modo efetivo a possibilidade de o testemunho desempenhar um papel epistemológico primário, e não apenas secundário na aquisição de conhecimento. Todavia, esclarece Müller<sup>107</sup>:

[O] ponto central da abordagem de Reid parece ser a de que ele vê o agente epistêmico em meio a relações sociais. [...] Reid sustentou que o testemunho dos outros – ou, ao menos, o testemunho sincero – é *prima facie* crível, mesmo quando não se tem razões independentes em favor da confiabilidade da testemunha. Reid pensava que, se as atitudes naturais de confiança mútua não fossem razoáveis, o resultado inevitável seria o ceticismo. Ele colocou a justificação testemunhal como um “primeiro princípio”. Esse primeiro princípio está baseado em duas disposições inatas: (a) veracidade ou disposição para falar a verdade e (b) credulidade ou disposição para acreditar no que os outros dizem. A proposta de Reid [...] acerca da aquisição de conhecimento através do testemunho estabelece as bases e sugere a possibilidade de uma confiança inicial, de forma irrestrita, no relato de alguém.

Nenhum homem de senso comum jamais pensou em tomar a própria palavra de um homem por sua honestidade, nos fala Reid, e, segundo sua convicção, é diante da expressão de um testemunho que sempre tomaremos a palavra daquele que nos fala como “garantida”<sup>108</sup>. Como ponto de partida, no entendimento de Reid, quando começamos a aprender a língua materna, é por intermédio do testemunho do outro que percebemos, através dos sons emitidos pelo outro (modulações de voz, por exemplo) o que aquele que se dirige a nós quer. Do mesmo modo, imitamos os sons ouvidos para que nos façamos entender também<sup>109</sup>, confiando que seremos compreendidos. Há, de acordo com Reid, uma antecipação inicial na mente humana que não deriva nem da experiência nem da razão de que, ainda de acordo com esta concepção, “os nossos semelhantes farão uso dos mesmos sinais na linguagem, quando eles tiverem os mesmos pensamentos (*sentiments*)”. Para Reid, é isto que

<sup>107</sup> MÜLLER, 2010, p. 130.

<sup>108</sup> REID, 2000, p.192.

<sup>109</sup> REID, loc. cit.

se configura como um tipo de *antevisão* em todas as ações humanas e parece ser um princípio original da nossa constituição, sem o qual seríamos incapazes de uma linguagem humana e, conseqüentemente, de instrução, de aprendizagem<sup>110</sup>.

Coady<sup>111</sup> nos diz que nossa definição de testemunho é naturalmente concentrada naquele que nos *fala* (que nos testemunha), porém, para termos uma definição completa é necessário que nos concentremos também na interpretação daquele que ouve (ou recebe) o testemunho. Para que se compreenda a argumentação de Reid acerca dos princípios de veracidade e de credulidade, é necessário que se tenha em mente sua defesa de nossa *constituição natural*. Pois, para Reid, fora o "beneficente autor da Natureza, que fez com que fôssemos criaturas sociais" e que recebêssemos uma grande e importante parte do nosso conhecimento pela informação dos outros, além de ter implantado em nossa natureza dois princípios que se somam: a *propensão a falar a verdade* e a *disposição de confiar na veracidade dos outros*, leia-se, o princípio da veracidade e o princípio da credulidade; ou, fazendo justiça às palavras de Reid<sup>112</sup>:

O sábio e beneficente Autor da Natureza, que desejou que fôssemos criaturas sociais e que devêssemos receber a maior e mais importante parte do nosso conhecimento pela informação dos outros, implantou em nossa natureza, para esses propósitos, dois princípios que se somam.

O primeiro desses princípios é a propensão a se falar a verdade e usar os sinais da linguagem, de modo a transmitir os nossos reais sentimentos. [...].

Outro princípio original implantado em nós pelo Ente Supremo é uma disposição de confiar na veracidade dos outros e de crer no que eles nos dizem. Esta é a contraparte do primeiro; e como aquele pode ser chamado de *princípio da veracidade*, nós devemos, por falta de um nome mais apropriado, chamar de *princípio da credulidade*.

A *propensão a falar a verdade*, na concepção de Reid, possui "uma orientação poderosa, mesmo nos maiores mentirosos; pois, onde eles mentem uma vez, eles falam a verdade uma centena de vezes", uma vez que "a verdade é

---

<sup>110</sup> REID, 2000, p. 193.

<sup>111</sup> COADY, 1992, p. 46.

<sup>112</sup> The wise and beneficent Author of Nature, who intended that we should be social creatures, and that we should receive the greatest and most important part of our knowledge by the information of others, hath these purposes, implanted in our natures two principles that tally with each other. The first of these principles is, propensity to speak truth, and to use the signs of language, so as to convey our real sentiments. [...]. Another original principle implanted in us by Supreme Being, is a disposition to confide in the veracity the others, and to believe what they tell us. This is the counter-part to the former; and as that may be called *the principle of veracity*, we shall, for want of a more proper name, call *the principle of credulity*. (REID, op. cit., 193-194).

sempre a mais elevada e é a questão natural da mente"<sup>113</sup>. É interessante que se note que é necessário que *falemos*, que expressemos nosso testemunho, para que o outro dê crédito à nossa palavra, à veracidade de nossas palavras; por instinto, sabemos que há uma conexão real formada entre nossas palavras e nossos pensamentos, e “embora essa conexão seja quebrada em toda instância de mentir e equivocar-se, sendo essas instâncias, todavia, comparativamente raras, a autoridade do testemunho humano é somente enfraquecida por elas, mas não destruída”<sup>114</sup>.

Quanto à *disposição de confiar na veracidade de outros*, Reid defende que há uma credulidade natural (*natural credulity*). Pondera Reid que este princípio é “ilimitado nas crianças até que elas venham a encontrar instâncias de engano e falsidade: e conserva um grau de força considerável ao longo da vida”. Reid<sup>115</sup> parte da ideia que:

Se a natureza tivesse deixado a mente do falante *in equilibrio*, sem qualquer inclinação para o lado da verdade mais do que para o da falsidade, as crianças mentiriam tão frequentemente quanto falam a verdade, até que a razão estivesse amadurecida ao ponto de sugerir a imprudência de mentir, ou estivessem conscientes ao ponto de sugerir sua imoralidade. E se a natureza tivesse deixado a mente do ouvinte *in equilibrio*, sem qualquer inclinação para o lado da crença mais do que para o da descrença, não tomaríamos [como verdadeira] a palavra de homem nenhum até que tivéssemos evidência positiva de que ele falou a verdade.

Nessa suposição as crianças seriam, de acordo com Reid, absolutamente incrédulas; e, desta forma, portanto, seriam incapazes de qualquer tipo de aprendizagem. Vale que se note uma vez mais que o fato de crermos na palavra dos outros, na argumentação reidiana, não deriva de nosso raciocínio e tampouco da experiência, pois, conforme Reid, se credulidade fosse o efeito de raciocínio e de experiência, ela deveria crescer e reunir força na mesma proporção que a razão e a experiência fazem. Todavia, se é o caso da credulidade ser mesmo um princípio, se ela é um dom da natureza, será mais forte e limitada na infância e restrita pela

---

<sup>113</sup> REID, 2000, p. 193.

<sup>114</sup> *Ibid.*, p. 194.

<sup>115</sup> If nature had left the mind of the speaker *in equilibrio*, without any inclination to the side of truth more than to that of falsehood; children would lie as often as they speak truth, until reason was so far ripened, as to suggest its immorality. And if nature had left the mind of the hearer *in equilibrio*, without any inclination to the side of belief more than to the side of disbelief, we should take no man's word until we had positive evidence that he spoke the truth. (REID, loc. cit.).

experiência; a visão mais superficial da vida humana mostra que o último é realmente o caso, e não o primeiro<sup>116</sup>. Deste modo, a disposição de confiar na veracidade dos outros na infância é ilimitada; na medida em que crescemos, ela se restringe. As crianças<sup>117</sup>, por exemplo, confiam nas declarações, nas promessas e no testemunho dos outros antes mesmo que saibam o que é ou o que significa a palavra "promessa". Portanto, nas palavras de Coady<sup>118</sup>:

Quando acreditamos no testemunho acreditamos no que é dito, porque nós confiamos na testemunha. Esta atitude de confiança é fundamental, mas não é cega. Como notou Reid, a criança inicia com uma atitude de total confiança no que é dito, e desenvolve atitudes mais críticas à medida que amadurece. No entanto, mesmo para os adultos, a atitude crítica é em si fundada sobre a confiança, assim como a consciência adulta da forma como a memória desempenha falsa certeza sobre uma ampla confiança nos poderes de recordação.

Segundo P. Ketzer<sup>119</sup>, "confiança é um conceito indispensável quando pensamos o ser humano como ser social, interagindo com outros sujeitos, pois auxilia-nos a pensar a ordem política e a cooperação social, mas está longe de possuir uma definição incontroversa". No entanto, de acordo com a autora, Reid "considerava que o testemunho é necessariamente credível, mas embasava essa teoria em um argumento teísta segundo o qual Deus implantou nos seres humanos uma propensão a dizer a verdade e a acreditar no que os outros dizem"<sup>120</sup>. Em Audi lê-se que o contraste estabelecido por Reid entre testemunho de um lado e memória e percepção de outro depende de confiarmos memória e percepção a Deus, pois

<sup>116</sup> REID, 2000, p. 194-195.

<sup>117</sup> Como contraponto vale notar que, de acordo com Bizzocchi, os estudos de Noam Chomsky sobre a aquisição da linguagem e a competência linguística demonstraram que, por mais pobres que sejam os estímulos vindos do meio, toda criança aprende a falar muito cedo e é capaz de formular corretamente frases que jamais ouviu antes. Para Chomsky, há um inatismo na linguagem: não importa em qual língua a criança seja criada nem quanto (ou quão pouco) esforço os adultos circundantes dediquem a educá-la, ela sempre aprende a dominar o código com total competência. Para explicar esse paradoxo, Bizzocchi sustenta que Chomsky postula que a aptidão linguística é inata e se dá por módulos cerebrais. É como se o cérebro fosse o *hardware* no qual já viesse de fábrica um sistema operacional capaz de processar qualquer software linguístico (isto é, qualquer língua). E fora a este sistema Chomsky chamou de *Gramática Universal* (GU). BIZZOCCHI, A. A "Língua" do Pensamento. **Revista da Língua Portuguesa**, ano 7, n.º 75, janeiro de [2012]. Disponível em: < <http://www.aldobizzocchi.com.br/artigo110.asp>>.

<sup>118</sup> COADY, 1992, p. 46.

<sup>119</sup> KETZER, P. *Sobre a Viabilidade ao Conceito de Confiança em Epistemologia*. In: MÜLLER, F; RODRIGUES, T. (Orgs.). **Epistemologia Social: Dimensão Social do Conhecimento**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012, 179 p. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs>.

Acessado em: 12 dez. 2012.

<sup>120</sup> *Ibid.*, p. 46-47.

segundo Reid, a crença de todas nossas faculdades é dependente do "Autor da Natureza"<sup>121</sup>. Assim sendo, é necessário que se considere, antes de qualquer coisa, a cosmovisão teísta de Reid para que se possa acompanhar seus argumentos filosóficos que concernem ao testemunho humano.

Conforme exposto ao longo do capítulo, Reid propõe que o testemunho é expresso por palavras e signos ante outro ser humano capaz de compreendê-lo. Igualmente, o testemunho é um ato social. Para que se compreenda o papel do testemunho na aquisição de conhecimento, Reid estabeleceu dois princípios: *veracidade* e *credulidade*; pois, por ser o ser humano criação Deus, ele está propenso a falar a verdade e a acreditar no testemunho dado por meio de palavras. Imediatamente, com a concepção de linguagem para Reid e a relação das operações da mente, principalmente da expressão do testemunho por meio da linguagem falada, baseado nos princípios da veracidade e da credulidade, já explanados, pode-se começar a discorrer sobre como se pode pensar a relação mundo, mente e linguagem; isto é, como Reid estabelece a conexão entre os objetos exteriores e o pensamento, e qual o papel da linguagem nessa relação. O próximo capítulo abarcará, por suposto, estas formulações.

---

<sup>121</sup> AUDI, 2006, p. 33.

## 5 O PAPEL DA LINGUAGEM NA RELAÇÃO MUNDO-MENTE

O gênero humano, por intermédio dos sinais naturais e de sua capacidade de invenção e de razão<sup>122</sup>, cria a linguagem artificial, cuja criação se dá pela necessidade de expressar seus pensamentos a seus semelhantes. Seu pensamento sobre o mundo externo advém de suas sensações e de suas percepções dos objetos externos. Independentemente de seus juízos acerca deste mundo, os homens, por necessidade de comunicação (pois "beneficente Autor da Natureza" fez com que fôssemos criaturas sociais<sup>123</sup>), percebem que algumas de suas operações da mente, na concepção de Reid, não são apenas operações solitárias, mas, antes, sociais. O testemunho que é transmitido por intermédio da linguagem artificial, bem como o uso desta linguagem artificial, é um ato social. De acordo com Coady<sup>124</sup>, segundo Reid, a função primordial da linguagem é a de exprimir, expressar, operações da mente que são sociais. Dado que é através da linguagem que o ser humano expressa seus pensamentos e as operações da mente, e que há precedência dos estados mentais com respeito aos fenômenos de fala, Reid toma a linguagem comum como sendo o espelho dos nossos pensamentos cotidianos.

A fim de uma melhor compreensão, nota-se que, como Cleve aponta<sup>125</sup>, "há uma analogia extraordinária entre o testemunho dado pelos sentidos da natureza humana e o testemunho dos seres humanos dado pela linguagem – uma analogia tão grande que é natural que se use a palavra 'testemunho' em ambos os casos"<sup>126</sup>. Segundo Coady, "o ponto básico da analogia entre percepção e testemunho é que ambos envolvem a operação de sinais e que os sinais operam em cada caso de modos similares"<sup>127</sup>. Tal analogia foi dividida por Reid em dois grupos: algumas percepções são naturalmente dadas, percepções originais; outras são dadas apenas por intermédio da experiência e não ocorreriam se não houvesse, antes, as percepções naturais, percepções adquiridas. Com a linguagem, analogamente,

---

<sup>122</sup> REID, 2000, p. 50.

<sup>123</sup> Ibid., p. 193.

<sup>124</sup> COADY, C.A.J. *Reid on Testimony*. In DALGARNO, M.; MATTHEWS, E. (eds.). **The Philosophy of Thomas Reid**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers. 1989, p. 225-246.

<sup>125</sup> CLEVE, James Van. *Reid on the Credit of Human Testimony*. In: LACKEY, J; SOSA, E. (Ed.). **The epistemology of testimony**. Oxford : Clarendon Press, 2006, p.50-74.

<sup>126</sup> Ibid., p. 54.

<sup>127</sup> COADY, op. cit., p. 232.

ocorre o mesmo. A linguagem artificial requer contratos, e contratos não poderiam ser instituídos pelas criaturas se não houvesse uma linguagem de algum tipo. Então, tem que haver linguagem natural para que se criem outras. Da mesma maneira, pode-se dizer que uma linguagem artificial, uma vez *inventada*, não pode ser aprendida a menos que haja sinais naturais de apoio e discórdia<sup>128</sup>:

Nos quatro fenômenos a serem considerados (percepções originais, linguagem natural, percepções adquiridas e linguagem artificial) há sinais e coisas significadas, e a mente vai de uma apreensão do sinal à crença na coisa significada. As várias similaridades e diferenças que Reid nota concernem à origem da relação entre sinal e coisa significada e os meios pelos quais viemos saber esta relação.

Deste modo, os sinais na percepção original são sensações. E, se são sensações, Cleve pondera que é por um princípio inato que nossa *mente vai da apreensão do sinal à coisa significada*<sup>129</sup>. Como já visto em capítulos anteriores, os sinais da linguagem natural adotados por Reid são as expressões da face, gestos do corpo e modulações da voz<sup>130</sup>, enquanto as coisas significadas são os pensamentos e disposições da mente do outro. Nas palavras de Reid<sup>131</sup>:

Há uma similaridade muito maior do que normalmente se imagina entre o testemunho da natureza dado por nossos sentidos e o testemunho dos homens dado pela linguagem. O crédito que damos a ambos é em princípio apenas efeito do instinto. Quando crescemos, e começamos a raciocinar sobre eles, o crédito dado ao testemunho humano é restringido e enfraquecido pela experiência que temos de engano. Mas o crédito dado ao testemunho de nossos sentidos é estabelecido e confirmado pela uniformidade e constância das leis da Natureza. [...]. Os sinais pelos quais os objetos nos são apresentados na percepção são a linguagem da Natureza ao homem; e como, em muitos aspectos, [esta linguagem] tem grande afinidade com a linguagem do homem para o homem; então, particularmente no fato de que ambos são, em parte naturais e originais, e em parte adquiridos pelo costume, nossas percepções originais ou naturais

---

<sup>128</sup> CLEVE, 2006, p. 55.

<sup>129</sup> Ibid., p. 55.

<sup>130</sup> Cf. REID, 2000.

<sup>131</sup> There is a much greater similitude than is commonly imagined, between the testimony of nature given by our senses, and the testimony of men given language. The credit we give to both is at first the effect of instinct only. When we grow up, and begin the reason about them, the credit given to human testimony is restrained, and weakened, by the experience we have of deceit. But the credit given to testimony of our senses, is established and confirmed by the uniformity and constancy of the laws of Nature. [...]. The signs by which objects are presented to us in perception, are the language of Nature to man; and as, in many respects, it hath great affinity with the language of man to man, so particularly in this, that both are partly natural and original, partly acquired by custom. Our original and natural perceptions are analogous to the natural language of man to man; [...] and our acquired perceptions are analogous to artificial language, which, in our mother-tongue, is got very much in the same manner with our acquired perceptions. (REID, 2000, p. 171).

são análogas à linguagem natural do homem ao homem; [...] e nossas percepções adquiridas são análogas à linguagem artificial, que na nossa língua materna é obtida muito semelhantemente às percepções adquiridas.

Para Reid, "a natureza estabeleceu a conexão entre o sinal e a coisa significada e nos ensinou a interpretação de um sinal antes de qualquer experiência"<sup>132</sup>. Entretanto, já nas percepções adquiridas, os sinais são tanto sensações quanto as coisas que percebemos por meio das sensações. Cleve expõe que a "conexão entre o sinal e a coisa significada é estabelecida pela Natureza. Mas, neste caso devemos descobrir a conexão através da experiência e indução". Assim, há algumas coisas que devemos aprender (adquirir), e tais coisas "não estão escritas na nossa constituição". Porém, basta que aprendamos o sinal para que ele automaticamente sugira a coisa significada, "é quase como se 'víssemos' o que aprendemos"<sup>133</sup>. Ou, como Lehrer<sup>134</sup> enuncia:

A analogia entre a percepção original e a linguagem natural é ainda maior do que [a analogia] entre a percepção adquirida e a linguagem artificial. A Natureza, em ambos os casos, estabeleceu a ligação entre o sinal e a coisa significada e nos ensinou a interpretação dos sinais. Os sinais da linguagem natural e a percepção original têm o mesmo significado em todos os climas e em todas as nações; e a habilidade de interpretá-los não é adquirida, mas inata. Na percepção adquirida a conexão entre o sinal e a coisa significada é estabelecida pelo desejo das pessoas e descoberta através da experiência de quem está aprendendo a língua. Uma vez que a conexão é descoberta, o sinal sugere a coisa significada e cria uma crença nela. Em ambos os casos, o entendimento dos sinais naturais é necessário a fim de aprender a significação dos outros.

Coady nos coloca que "não inferimos a natureza e a existência das competências da propriedade da natureza da sensação já que não há semelhança entre elas". Em vez disso, passamos da sensação ao juízo perceptual através da operação de um princípio particular de nossa constituição<sup>135</sup>:

Se Reid está certo sobre a analogia, uma imagem comum do testemunho e seu estatuto epistemológico está errada. Esta imagem diz que todo o conhecimento por testemunho é indireto ou inferencial. Sabemos que p quando dito confiavelmente que p porque fazemos inferência sobre a credibilidade e sinceridade da testemunha. Reid acha que este é o modo

---

<sup>132</sup> REID, 2000, p. 191.

<sup>133</sup> CLEVE, 2006, p. 55-56.

<sup>134</sup> LEHRER, 2002, p. 74.

<sup>135</sup> COADY, 1989, p. 232.



errado. Normalmente nós aceitamos o que nos dizem como confiável assim como nós aceitamos o 'testemunho dos nossos sentidos' ou o 'testemunho de nossa memória'. Uma criança pequena começa com uma atitude básica de confiança nos seus sentidos e naqueles que se comunicam com ela e esta é uma condição de aprendizagem da linguagem (artificial) e do progresso na compreensão.

Sobretudo se, ainda de acordo com Coady, considerarmos que o que Reid nos apresenta forçando a analogia entre testemunho e percepção é uma imagem do conhecimento baseado no testemunho. Para Coady<sup>136</sup>:

Reid dá a mesma ênfase à contribuição inata do organismo, embora seu apelo à contribuição da 'constituição humana' não seja tão extravagante como em outros. Todavia, seus relatos nos permitem ver a implausibilidade do tratamento de todos os casos de conhecimento testemunhal como inferenciais ou indiretos. Se podemos ter casos de conhecimento direto na percepção (como quando vejo uma maçã vermelha de perto nas mãos em plena luz do dia) então certamente podemos ter casos de conhecimento direto no testemunho como quando um amigo não malevolente, desinteressado, com visão, diz-me que há uma maçã vermelha na mesa da sala ao lado. [...] Da mesma maneira nós podemos concluir, na perspectiva de Reid, que é suficiente, se o mecanismo comunicativo está funcionando bem e as circunstâncias contextuais são normais (sem razão particular para mentir, etc.), para nós sabermos diretamente que há uma maçã vermelha na sala ao lado.

Conforme Reid, "nossas percepções adquiridas e a informação que recebemos por meio da linguagem artificial devem ter resolução em princípios gerais da constituição humana"<sup>137</sup>. Na linguagem artificial os sinais são sons articulados cuja conexão com as coisas significadas por eles é estabelecida pelo desejo do homem: aprendendo nossa língua materna descobrimos esta conexão por experiência. De tal modo, dado que nossas percepções originais são poucas se comparadas às adquiridas e dado que sem as percepções originais não teríamos possibilidade de chegarmos às percepções adquiridas, igualmente, sem linguagem natural não haveria como se ter chegado à criação de uma linguagem artificial. Nos sons articulados da linguagem artificial temos a conexão com as coisas significadas. De acordo Pich<sup>138</sup>:

<sup>136</sup> COADY, 1989, p. 235-236.

<sup>137</sup> REID, 2000, p. 191.

<sup>138</sup> PICH, R. *Thomas Reid sobre Concepção, Percepção e Relação Mente-Mundo Exterior*. *Veritas*, v. 55, n. 2, maio/ago. 2010c, p. 144-175.

[H]á um sentido em que o contato com o mundo exterior, na percepção, nada mais é que a concepção pela mente de um objeto existente, em regra acompanhada de sensação, respectiva ao uso dos órgãos sensórios – que sofrem a impressão dos objetos do mundo exterior –, e com a realização de um juízo perceptual de existência. Essa crença, além disso, é básica ou imediata: ela não se deve a nenhum tipo de raciocínio ou argumentação, e a sua verdade evidente não é devida inferencialmente a nenhuma outra proposição e a nenhum outro princípio. A confiança nos sentidos para se obter uma crença verdadeira, imediata e evidente sobre o mundo exterior existente e presente está garantida pelo caráter naturalmente não falacioso das operações mentais humanas, e isso equivale a um primeiro princípio do senso comum ou tomado por garantido. Um juízo perceptual tem verdade evidente sobre o seu objeto enquanto tipo de operação mental, e a origem definitiva de sua evidência é um princípio primeiro do senso comum sobre a própria percepção. Esse mesmo não é, para Reid, uma proposição da qual a outra é derivada, mas um princípio constitutivo – como semelhantemente o são outros princípios do senso comum respectivamente às demais operações mentais – daquilo que é o desempenho natural apropriado (não falacioso) do tipo específico de conhecimento que se convencionou chamar de "percepção".

As faculdades mentais, no pensamento de Reid, são essencialmente capazes de nos propiciar contato imediato com a realidade, pois não há necessidade de um objeto intermediário para que se perceba ou pense sobre algo. Os objetos externos nos proporcionam percepções e sensações e ao mesmo tempo nos fornecem uma concepção e uma crença irresistível na existência destes objetos externos<sup>139</sup>. Pich observa que<sup>140</sup>:

[A] concepção é um ato mental e diz respeito a um objeto, existente (uma pessoa real) ou não (um cavalo alado); ela supõe um sujeito cognoscente e tem termo em um objeto distinto do ato mental. Neste estudo importa, é claro, a concepção com a qual a percepção pode concorrer de coisas reais do mundo exterior. Ao conceber, a mente tem ou pode ter como termo objetos materiais do mundo exterior, ela termina ou pode terminar em objetos imaginários.

Por *percepção*<sup>141</sup> Reid toma a concepção e a crença que a natureza produz por intermédio dos sentidos, e por *sensação* o sentimento que acompanha nossas percepções. Uma sensação é simplesmente uma consequência mental da influência do objeto sendo percebido<sup>142</sup>. Para todas as sensações não há objeto distinto do ato

<sup>139</sup> REID, 2002, p. 210.

<sup>140</sup> PICH, 2010c, p. 160.

<sup>141</sup> Conforme argumenta Roberto Pich, "há um sentido em que o contato com o mundo exterior, na percepção, nada mais é que a concepção da mente de um objeto existente, em regra acompanhada de sensação, respectiva ao uso dos órgão dos sensórios". (Ibid., p. 153).

<sup>142</sup> The external senses have a double province; to make us feel, and to make us perceive. They furnish us with a variety of sensations, some pleasant, others painful, and others indifferent; at the

da mente pela qual é sentido<sup>143</sup>. No entanto, as sensações, diferentemente da percepção, não são propensas a erro. A aparência das coisas para os olhos, argumenta Reid, sempre corresponde às leis fixas da natureza; então, se falarmos apropriadamente, não haverá falácia nos sentidos. No *Inquiry*, Reid estipula que a natureza sempre fala a mesma linguagem e usa os mesmos sinais nas mesmas circunstâncias; "mas nós, às vezes, erramos o significado dos sinais, tanto pela ignorância das leis da natureza quanto pela ignorância das circunstâncias pelas quais os sinais atendem"<sup>144</sup>. A percepção não implica exercício de raciocínio. Das conclusões mais óbvias tiradas de nossas percepções, por raciocínio, chegamos àquilo que se entende por *compreensão comum*, "pelas quais os homens se conduzem nos assuntos comuns da vida, e pelas quais são distinguidos dos idiotas"<sup>145</sup>.

Os seres humanos expressam operações sociais da mente por intermédio da linguagem. Nossas operações mentais, nossos pensamentos, na concepção de Reid, são pensamentos sobre as percepções que tiramos diretamente do mundo. E como as sensações acompanham as percepções, tanto as originais quanto as adquiridas, expressamos também, por intermédio da linguagem, as nossas sensações. Acessamos e permitimos acesso ao conteúdo mental por intermédio da palavra do homem, em qualquer língua existente, pois, as características sintáticas da linguagem são universais por serem constitutivas da humanidade. Por intermédio da linguagem artificial explicamos o mundo (aquilo que tomamos como "verdadeiro") ao outro. No pensamento reidiano, todas as línguas possuem palavras muito bem ajustadas para se conhecer a mente e, como podemos através das características da nossa própria mente conhecer a mente do outro e seus "conteúdos", podemos ter acesso ao conteúdo mental do outro, assim como permitir o acesso ao nosso, ao nosso próprio conteúdo mental; embora não salvo de certos equívocos. Pois, nos termos de Reid, as percepções originais e adquiridas, que temos pelos sentidos, são a linguagem natural do homem, que, em muitos aspectos, tem uma grande afinidade

---

same time they give us a conception, and an invincible belief of the existence of external objects. This conception of external objects is the work of Nature. The belief of their existence, which our senses give, is the work of Nature; so likewise is the sensation that accompanies it. This conception and belief which Nature produces by means of the senses, we call *perception*. The feeling which goes along with the perception, we call *sensation*. (REID, 2002. p. 210).

<sup>143</sup> Ibid., p. 194.

<sup>144</sup> Id., 2000, p. 189.

<sup>145</sup> REID, op. cit., p. 173.

com as línguas humanas. As instancias que temos das percepções adquiridas sugerem esta afinidade, que, como nas línguas humanas, ambiguidades são frequentemente encontradas; então, esta linguagem da natureza nas nossas percepções adquiridas não está isenta delas<sup>146</sup>. Porém, se atentarmos ao nosso vocabulário mental, podemos expressar sempre nosso pensamento através da *palavra humana*, leia-se, de nossa linguagem oral.

---

<sup>146</sup> REID, 2000, p. 189.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se explanar neste trabalho a concepção de linguagem para Thomas Reid. No primeiro momento notou-se que para o filósofo a linguagem é os sinais que o homem usa para comunicar seus pensamentos e intenções aos outros, e sua força está originalmente nos sinais naturais, posto que são esses os sinais que possibilitam a comunicação dos pensamentos e intenções, já que são precedentes aos artificiais. Para tal, manteve-se como contexto principal a ideia de que à linguagem devemos atenção e reflexão para que a comunicação de nossas operações mentais se torne mais eficiente, ainda que não se tenha como representar a vida mental consciente com perfeição. Logo após, mostrou-se que é por intermédio das operações sociais da mente e através de vários *modos de discurso* que os seres humanos expressam seus estados mentais e transmitem testemunhos. Em um terceiro momento, advertiu-se que, para Thomas Reid, o testemunho sempre será expresso por palavras e signos ante outro ser humano capaz de compreendê-lo. Algo possível justamente por o testemunho estar baseado nos dois princípios estipulados por Reid: o princípio de veracidade e o princípio de credulidade, dado que os seres humanos, na visão de Reid, são, devido a sua constituição natural, propensos a falar a verdade e a confiar no testemunho do outro expresso por meio de palavras.

Para encerrar, sublinhou-se que Reid estudou a linguagem humana a fim de tornar possível que se conheça a própria mente: na língua há uma vestimenta para os nossos pensamentos; temos uma visão do pensamento do outro quando este nos fala. Reid nos coloca que em razão de as palavras gerais serem, em alto grau, necessárias à linguagem, deve-se concluir que é necessário que haja concepções gerais, das quais elas são os signos<sup>147</sup>:

---

<sup>147</sup> Words are empty sounds when they do not signify the thoughts of the speaker; and it is only from their signification that they are nominated general. Every word that is spoken, considered merely as a sound, is an individual sound. And it can only be called a general word, because that which it signifies is general. Now, that which it signifies, is conceived by the mind both of the speaker and hearer, if the word has a distinct meaning, and be distinctly understood. It is therefore impossible that words can have general signification, unless there be conceptions in the mind of the speaker, and of the hearer, of things that are general. (REID, 2002, p. 359-360).

As palavras são sons vazios quando não significam os pensamentos do falante, e é só a partir de sua significação que elas são nomeadas gerais. Toda palavra que é falada, considerada apenas como um som é um som individual. E só pode ser chamada de uma palavra geral, porque o que ela significa é geral. Agora, aquilo o que isso significa, é concebido pela mente tanto do falante quanto do ouvinte, se a palavra tem um significado distinto, e é bem compreendida. Portanto, é impossível que as palavras possam ter significação geral, a menos que haja concepções na mente do falante e do ouvinte, de coisas que são gerais.

Para Reid, palavras de uma língua devem ser divididas em dois grupos: *palavras gerais* e *nomes próprios*. Por nome próprio, Reid compreende todos os nomes que significam um indivíduo único, tais como: nomes de homens, rios, cidades, etc.; isto é, todas as criaturas de Deus ou obra humana que escolhemos distinguir das outras do mesmo tipo por um nome específico. Já as palavras gerais, para Reid, são todas as outras palavras de uma língua que não são nomes próprios, diferentemente da classificação dada pelos gramáticos, por exemplo, que reduzem as palavras a oito ou nove classes que são chamadas de partes do discurso<sup>148</sup>.

A linguagem é uma roupagem que usamos para explicar o que ocorre na mente. Quando um ser humano nos diz "tenho uma *ideia* disto", ele comunica "tenho uma noção, um pensamento, uma concepção disto". Não nos é necessário que identifiquemos uma *ideia* como algo com existência própria. A palavra *ideia*, para Reid, nada mais é que pensamento, um pensamento sobre o objeto exterior. A *ideia* não é, como em Berkeley, uma coisa real impressa nos homens por Deus; e, os corpos, as coisas sensíveis, não existem apenas porque há uma mente que os percebem<sup>149</sup>. Seguindo a linha de Reid, as ideias, leia-se o pensamento, existem em relação direta ao mundo. A mente age (opera) sempre ante um objeto presentemente existente, e por intermédio da linguagem comunicamos esta relação aos outros, às outras mentes, seja quando testemunhamos fatos do mundo ou expressamos desejos ou paixões. O mental é aquilo que só pode ser apreendido como objeto de uma autoconsciência sob a tutela da atenção dispensada às nossas operações da mente; e, como consequência de nossa constituição natural, sabemos também sobre o funcionamento da mente do outro e temos acesso a ela, da mesma forma que permitimos acesso à nossa, àquilo que sabemos acerca do mundo, pois

<sup>148</sup> REID, 2002, p. 354.

<sup>149</sup> Para uma leitura apurada, ver: DANCY, J.; et. al. (eds.) *A Companion to Epistemology*. Oxford: Blackwell, 1997, p. 261-264.

só podemos acessar na mente do outro o que é já crença, particularmente porque "para haver pensamento, é preciso haver um objeto *existente*"<sup>150</sup>; objeto este, capaz de nos proporcionar percepções e sensações e, concomitantemente, fornecer-nos *uma concepção e uma crença irresistível*<sup>151</sup> em sua existência.

Deste modo, a linguagem seria, neste contexto, não apenas o elo entre as mentes humanas, mas, ainda, aquilo que surgiu da necessidade natural de comunicação e que possibilitaria, assim, tornar públicas nossas operações da mente ante nossos semelhantes, bem como, permitiria o avanço sobre o estudo acerca da mente humana, o progresso sobre o estudo acerca da mente humana. E, já que é através da linguagem que recebemos grande parte do nosso conhecimento, uma correção da linguagem artificial se torna imprescindível para avançarmos na representação dos fenômenos mentais, propiciando maior clareza e exatidão no que é transmitido ao outro; pois a linguagem pode ser falha, inexata e ambígua. No entanto, uma linguagem extremamente precisa não é possível, como nos coloca Reid, já que o que pode ser expresso por ela é muito menor do que há para ser expresso na mente humana. A linguagem tem sua função primeira de comunicação de nossas operações mentais sociais, mas serve também às operações solitárias já que veste nossos pensamentos. Entretanto, nem sempre a linguagem cumprirá com o papel de comunicar as operações mentais com clareza, tampouco nos permitirá saber sobre a intenção daquele que nos fala. Então, é preciso atentar também ao assunto e às circunstâncias quando se dá a expressão do pensamento.

A partir do que fora exposto, a concepção de linguagem humana para Thomas Reid pode ser restringida à *linguagem falada*, quando tratada como a expressão das nossas operações sociais da mente por intermédio do testemunho. Esta linguagem, chamada por Reid de linguagem artificial, fora criada a partir da linguagem natural. E, por intermédio da linguagem artificial, os homens transmitem a seus semelhantes os ensinamentos acerca do mundo natural, tendo como abertura a este mundo nossas percepções sensórias, bem como a interpretação destas percepções dada por intermédio dos sinais naturais. A linguagem falada, portanto, seria o acontecimento concreto da expressão do pensamento e do testemunho

---

<sup>150</sup> PICH, 2010c, p. 168.

<sup>151</sup> REID, 2002, p. 210.

humano, dado apenas linguisticamente, a partir de um ato da mente, de percepções diretas, evidentes e imediatas do mundo exterior.



## REFERÊNCIAS

### OBRAS DE THOMAS REID

REID, Thomas. *An Inquiry into the Human Mind on the Principles of Common Sense*. Edited by Derek R. Brookes. Edinburgh: Edinburgh University, 2000. 345 p.

\_\_\_\_\_. *Essays on the Intellectual Powers of Man*. A critical edition. Text edited by Derek R. Brookes, annotations by Derek R. Brookes and Knud Haakonssen; introduction by Knud Haakonssen. Pennsylvania: Pennsylvania State University Press, 2002. 651 p.

### OUTRAS REFERÊNCIAS

ALSTON, W. *Filosofia da Linguagem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972. 165 p.

\_\_\_\_\_. *Perceiving God – The Epistemology of Religious Experience*. Ithaca-London: Cornell University Press, 1991. 320 p.

ANDRADE, G.; SKLIAR, M.; *et al.* *Curso de Linguística Geral*. Notas de Aula do Dr. Prof. Jorge Campos, 1998. Disponível em: <[www.jcamposc.com.br/cursos/curso\\_de\\_linguistica\\_geral.pdf](http://www.jcamposc.com.br/cursos/curso_de_linguistica_geral.pdf)>. Acessado em: 25 dez. 2012.

AUDI, R. *Testimony, Credulity, and Veracity*. In: LACKEY, J.; SOSA, E. (Ed.). **The epistemology of testimony**. Oxford : Clarendon Press, 2006, p. 25-49.

BERKELEY, G. *Ensaio para uma Nova teoria da Visão e A Teoria da Visão Confirmada e Explicada*. (Edição Bilingue). MARQUES, J. (trad.). Campinas: Editora Unicamp, 2010. 224 p.

BIZZOCCHI, A. *A "Língua" do Pensamento*. **Revista da Língua Portuguesa**, ano 7, n.º 75, janeiro de 2012. Disponível em: <<http://www.aldobizzocchi.com.br/artigo110.asp>>. Acessado em: 04 dez. 2012.

BRANQUINHO, J.; MURCHO, D.; *et al.* *Enciclopédia de Termos Lógico-Filosóficos*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 803 p.

CLEVE, J. *Reid on the Credit of Human Testimony*. In: LACKEY, J.; SOSA, E. (Ed.). **The epistemology of testimony**. Oxford : Clarendon Press, 2006, p.50-74.

COADY, C. A. J. *Reid and the Social Operations of Mind*. In: CUNEO, T. and VAN WOUDEBERG, R. (Eds.). **The Cambridge Companion to Thomas Reid**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 180 – 203.

\_\_\_\_\_. *Reid on Testimony*. In DALGARNO, M.; MATTHEWS, E. (eds.). **The Philosophy of Thomas Reid**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers. 1989, p. 225-246.

\_\_\_\_\_. *Testimony: A Philosophical Study*. Oxford: Clarendon, 1992. 315 p.

COPENHAVER, R. *Thomas Reid's Direct Realism*, **Reid Studies**, vol. 4, n. 1, 2000, p. 17-34.

CRYSTAL, D. *The Cambridge Encyclopedia of Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. 516 p.

DANCY, J.; et. al. (eds.) *A Companion to Epistemology*. Oxford: Blackwell, 1997, p. 261-264. *A Companion to Epistemology*. Oxford: Blackwell, 1997, p. 261-264.

FODOR, J. *The Language of Thought – The Language and Thought Series*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1975. 214 p.

KETZER, P. *Sobre a Viabilidade ao Conceito de Confiança em Epistemologia*. In: MÜLLER F.; RODRIGUES, T. (Orgs.). **Epistemologia Social: Dimensão Social do Conhecimento**. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2012, 179 p. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/edipucrs>>. Acessado em: 12 dez. 2012.

LACKEY, J.; SOSA, E. (Ed.). *The epistemology of testimony*. Oxford: Clarendon Press, 2006. 312 p.

LECLERC, A. *Operações sociais da mente*. **Veritas**, v. 55, n. 2, 2010, p. 108-125.

LEHRER, K. *Thomas Reid: The arguments of the philosophers*. London and New York: Routledge, 2002. 311 p.

MÜLLER, F. *Conhecimento Testemunhal: A Visão Não Reducionista*. **Veritas**, v. 55, n. 2, 2010, p. 117-134.

\_\_\_\_\_. *Conhecimento de Grupo*. In: MÜLLER, F.; RODRIGUES, T. **Epistemologia Social: Dimensão Social Do Conhecimento** [recurso eletrônico] /. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012, p. 118-136. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/edipucrs>>. Acesso em: 07 jan. 2013.

NICHOLS, R. *Thomas Reid's Theory of Perception*. New York: Oxford University Press, 2007. 317 p.

PERFEITO, A. M. *Concepções de linguagem e análise linguística: diagnóstico para propostas de intervenção*. In: ABRAHÃO, M. H. V.; GIL, G.; RAUBER, A. S. (Org.). CONGRESSO LATINO-AMERICANO SOBRE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUAS., 1., 2006, Florianópolis. Anais... Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2007, p. 824-836. Disponível em: <[http://www.cce.ufsc.br/~clafpl/74\\_Alba\\_Maria\\_Perfeito.pdf](http://www.cce.ufsc.br/~clafpl/74_Alba_Maria_Perfeito.pdf)>. Acesso em: 29 jan 2013.

PICH, R. *A Filosofia do Senso Comum de Thomas Reid e o "Critical Commonsensism" de C. S. Peirce*. **Cognitio**, São Paulo, v.13, n.2, jul./dez., 2012, p. 279-299.

\_\_\_\_\_. *Apresentação e uma nota sobre Thomas Reid (1710-1796)*. **Veritas**, v. 55, n. 2, maio/ago. 2010a, p. 5-17.

\_\_\_\_\_. *Thomas Reid, O Método De Filosofar e a Rejeição do Ceticismo*. **DISSERTATIO Revista de Filosofia**, Pelotas, n. 32, 2010b, p. 243 – 275.

\_\_\_\_\_. *Thomas Reid sobre Conceção, Percepção e Relação Mente-Mundo Exterior*. **Veritas**, v. 55, n. 2, maio/ago. 2010c, p. 144-175.

PINHEIRO, M. S. *A abordagem das práticas doxásticas à epistemologia de William Payne Alston: uma interpretação a partir da leitura de Thomas Reid*. 2011. 268 f. Tese (Doutorado em Filosofia)– Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

PLANTINGA, A. *Warrant and Proper Function*. New York: Oxford University Press, 1993. 256 p.

PLANTINGA, A., WOLTERSTORFF, N. (eds.). *Faith and Rationality: Reason and Belief in God*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1983. 321 p.

SKROCK, E. *George Berkeley e a Terra Incognita da Filosofia: Percepção, Linguagem, Ilusão*. In: MARÇAL, Jairo (Org.). **Antologia de Textos Filosóficos**. Curitiba: SEED – Pr., 2009. 736 p.

SCHUHMANN, K.; SMITH, B. *Elements of Speech Act Theory in The Work of Thomas Reid*. **History of Philosophy Quarterly**, v. 7, n. 1, January/1990, p. 47-66.

SOUZA FILHO, D. M. *A Teoria dos Atos de Fala como concepção pragmática de linguagem*. *Filosofia Unisinos*, 7(3), 2006, p. 217-230.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*. Petrópolis: Vozes, 2009, 350 p.

WOLTERSTORFF, N. *Thomas Reid and the story of epistemology*. Cambridge (UK): Cambridge Univ., 2001. 265 p.

YAFFE, G.; NICHOLS, R. *Thomas Reid*. **The Stanford Encyclopedia of Philosophy** (Winter 2009 Edition), Edward N. Zalta (ed.), Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/win2009/entries/reid/>>. Acessado em 05 jan. 2012.